



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Beatriz Correia Ribeiro

***O Bow Hold Buddies* na iniciação ao violino
no ensino especializado da música**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Beatriz Correia Ribeiro

***O Bow Hold Buddies* na iniciação ao violino
no ensino especializado da música**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Ângelo Martingo

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi elaborado com o apoio de muitas pessoas, às quais tenho de agradecer.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais por sempre me terem apoiado, por acreditarem em mim, independentemente das minhas escolhas, e por me transmitirem valores que guardo e tento colocar em prática no meu dia-a-dia.

Aos meus amigos, que estiveram presentes tanto nas etapas académicas como pessoais, ao longo destes anos, que me ajudaram a ultrapassar os desafios e deram ânimo para superar as dificuldades apresentadas na conceção deste trabalho.

Ao meu namorado, que acreditou sempre em mim, e me deu forças para superar todas as adversidades e, acima de tudo, que me ajudou, muito, a ter confiança em mim própria.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Ângelo Martingo, por me orientar e guiar em cada etapa deste trabalho.

À minha professora cooperante, a Professora Cecília Falcão, que me acolheu durante todo o ano letivo, que me apoiou sempre em todas as fases, e me deu liberdade para colocar os meus ideais em prática.

Agradeço, assim, de modo geral, a todas as pessoas que contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

O Bow Hold Buddies na iniciação ao violino no ensino especializado da música

RESUMO

O presente relatório é elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional, do 2º ciclo do Ciclo de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre em Ensino de Música na Universidade do Minho, no ano letivo 2018/2019, incidindo sobre o projeto de intervenção pedagógica implementado com cinco alunos de iniciação do Conservatório de Música do Porto no ano 2018-2019, nos Grupos de Recrutamento M24 (violino) e M32 (Música de Câmara).

O projeto de intervenção teve como objetivo avaliar as vantagens e desvantagens da utilização do acessório *Bow Hold Buddies* na iniciação ao violino. Este acessório tem como finalidade promover a correta pega do arco e é direcionado, normalmente, para as crianças. Dada a complexidade da aprendizagem inicial do violino, que exige, desde cedo, uma postura corporal correta, que pode ser bastante difícil para as crianças, procurou-se perceber se a utilização do acessório *Bow Hold Buddies* facilita a aprendizagem na iniciação ao instrumento, dado que a criança tem oportunidade de se concentrar em outros aspetos da execução. O acessório propicia a posição correta dos dedos, o que, por um lado, facilita a produção de som e, por outro lado contribui para evitar a tensão na mão direita, pois a sua construção proporciona uma sensação de leveza e conforto quando se pega no arco.

Como instrumento avaliação dos resultados, foi realizado um questionário anónimo aos alunos de violino, no final do ano letivo, para perceber se a experiência com o acessório tinha sido positiva ou negativa. Verificou-se que apenas um aluno considerou o acessório excessivamente grande para a sua mão, tendo assim utilizado apenas uma parte, o *peixe*, indicado para o dedo mindinho. Os restantes alunos consideraram a experiência positiva, referindo que o acessório lhes tinha facultado ferramentas importantes para uma pega correta e mais fácil do arco, contribuindo para uma mais natural aprendizagem do violino.

Palavras-chave: aprendizagem inicial, arco, *Bow Hold Buddies*, violino.

The Bow Hold Buddies in the process of initiation of the violin in specialized Music teaching

ABSTRACT

The present report was elaborated in the ambit of the Curricular Unit of Professional Internship of the 2.º Cycle of Conductive Studies of the Masters Degree in Music Teaching on Minho University, on the academic year of 2018/2019, focusing on the project of pedagogical intervention implemented on five students of initiation of the Conservatory of Music of Porto, on the year 2018-2019 , on the groups of recruitment M24 (violin) and M32 (chamber Music).

This intervention project aims to evaluate the advantages and disadvantages of the use of the Bow Hold Buddies accessory on the initial learning process of the violin. The accessory has the finality to promote the correct handle of the bow, and its directed normally, for children use. Given the complexity of the initial learning of the violin, that demands, since early , a correct body posture, which can be quite difficult for children, it was sought to understand if the use of the Bow Hold Buddies accessory helps with the learning initiation of the violin, since , the child has the opportunity to focus on other aspects of the execution. The accessory provides the right position of the fingers, which makes, on one hand, easier to reproduce the sound, and on the other hand, avoids any tension on the use of the right hand, since this construction provides a sensation of lightness and comfort when grabbing the Bow.

As a measuring instrument for evaluating results, it was performed an anonymous questionnaire to the violin students, on the ending of the academic year, to understand if the experience with the accessory was positive or negative. It was verified that only one student found the accessory excessively big for his hand, this made him use only a part of it, the “Fish”, that was indicated for the little finger. The rest of the students concluded that the experience was positive, claiming that the accessory had given them the important tools for a more correct and easier handling of the bow, thus contributing for a more natural learning experience of the violin.

Key-words: bow, Bow Hold Buddies, initial learning, violin.

ÍNDICE

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
<i>Licença concedida aos utilizadores deste trabalho</i>	ii
AGRADECIMENTOS	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS.....	ix
LISTA DE TABELAS.....	ix
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
2.1. O Ensino do Violino na Iniciação	3
2.2. Postura	6
2.2.1. A cabeça	9
2.2.2. As Pernas e os Pés.....	9
2.2.3. Mão Esquerda	10
2.2.4. Mão Direita.....	11
2.3. O Arco.....	12
2.4. Acessórios Pedagógicos para Violino e outros Instrumentos.....	14
2.5. O Acessório Bow Hold Buddies	16
CAPÍTULO 3. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL	19
3.1 Horário de Estágio	21
3.2. As Disciplinas e os Professores.....	21
3.2.1 Caracterização dos Alunos.....	22
Aluna A.....	23

Aluna B	23
Aluna C	23
Aluna D	24
Aluno E.....	24
Aluna F.....	25
Aluna G	25
Aluna H	25
Aluna I.....	25
Aluna J	26
Aluna K	26
3.2.2. Orquestra Infantil (Iniciação: 1º-4º anos)	27
CAPÍTULO 4. PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	28
4.1. Problemática e objetivos	28
4.2. Instrumentos de recolha de dados	29
4.3. Alunos Intervenientes.....	30
4.4. Relatórios das Aulas	30
4.5. Estratégias aplicadas na intervenção pedagógica.....	33
CAPÍTULO 5. ANÁLISE DE RESULTADOS	37
5.1. Análise do questionário	39
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA	54
Fontes da Figuras.....	56
Anexo I- Questionário aplicado aos alunos intervenientes	57
Anexo II- Declaração do Conservatório.....	62

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Fig. 1- Acessório para o arco.....	39
Fig. 2- Acessório para a mão esquerda	15
Fig. 3- Acessório para a correção do arco, no violino, na viola de arco e no violoncelo.....	16
Fig. 4- Bow Hold Buddies.....	17
Fig. 5- Posição da mão antes da aplicação.....	66
Fig. 6-Posição do acessório durante a utilização	38
Fig. 7- Posição da mão depois da retirada do acessório.....	39
Gráfico 8- Respostas à questão: “Género”	40
Gráfico 9- Respostas à questão: “Idade”	40
Gráfico 10- Respostas à pergunta: “Há quanto tempo estudas violino?”	41
Gráfico 11- Respostas à questão: “Quanto tempo estudas por semana?”	41
Gráfico 12- Respostas à pergunta: “quanto tempo estudas por dia?”	42
Gráfico 13- Respostas à pergunta: “Quando estudas, quanta atenção prestas a estes elementos?”	43
Gráfico 14- Respostas à questão: “Classifica estes elementos relativos ao violino por ordem de dificuldade?”	44
Gráfico 15- Respostas à questão: “Depois de colocar o acessório no teu arco como te sentiste?”	46
Gráfico 16- Respostas à questão: “Achas que te ajudou a pegares melhor no arco?”	46
Gráfico 17- Respostas à questão: “Achas que te ajudou a tocares melhor?”	47
Gráfico 18- respostas à questão: “Pegares no arco com o acessório foi mais fácil?”	47
Gráfico 19 – Respostas à questão: “Sentes que o teu som é/ficou mais bonito com o acessório?”	48
Gráfico 20- Respostas à questão: “Como caracterizas o Bow Hold Buddies?”	49
Gráfico 21- Respostas à questão: “Se outras crianças tivessem a oportunidade de utilizar o acessório recomendava-lo?”	49
Gráfico 22- Respostas à questão: “Desde que começaste a utilizar o acessório gostas mais de tocar violino?”	50

LISTA DE TABELAS

Tab. 1: Naipes da orquestra infantil	27
--	----

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional, do 2ºano do Ciclo de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre em Ensino de Música, no ano letivo 2018/2019, e tem como objetivo perceber as vantagens e desvantagens da utilização do acessório *Bow Hold Buddies*, que se coloca no arco, e proporciona uma posição correta dos dedos. Foi elaborado para alunos de iniciação ao violino, de modo a permitir uma aprendizagem mais simples, permitindo-lhes focar-se mais no som e no prazer de tocar.

O estágio profissional foi realizado no Conservatório de Música do Porto, com a coordenação da Profª Cecília Falcão, com a cooperação da Profª Joana Gonçalves e do Prof Emanuel Melo. O meu horário de estágio conteve uma carga de 15h e dividiu-se da seguinte maneira: 5 alunos de iniciação (45min cada), 1 aluna de 2ºciclo (45min), 3 alunas de 3º ciclo (60min cada), 2 alunas do ensino secundário, (uma com 50min e outra com 90min), e uma orquestra de cordas infantil, só com alunos de iniciação (1º-4º anos), com uma duração de 90 min.

A aprendizagem inicial do violino é um processo, na maioria dos casos, muito difícil, pois exige desde cedo uma postura correta, quer das duas mãos, como dos cotovelos, dos pulsos, do ombro direito, do queixo, etc. Para uma criança pequena é, por vezes, muito complicado conseguir assimilar tudo ao mesmo tempo, acabando por ficar desmotivada e, também, por criar tensões no seu corpo que, um dia mais tarde, trarão consequências a nível muscular e ossicular.

Não leciono o ensino do violino há muito tempo, mas desde cedo trabalhei com crianças por volta dos 4- 5 anos, e percebi que a complexidade de coordenar e compreender tantos aspetos ao mesmo tempo as baralhava. Quando comecei a lecionar, sem qualquer experiência como qualquer professor, estudava qual poderia ser a melhor maneira de motivar os alunos, de lhes explicar os aspetos técnicos, sem que se sentissem desmotivados e assoberbados de informação. Inicialmente pensei que introduzir o *pizzicato* seria uma boa opção, antes de lhes mostrar o arco e o que ele permitia fazer, mas apercebi-me de que quando os alunos tentavam tocar *pizzicato* o som produzido era seco e não lhes despertava a atenção. Comparando uma aula de piano com um *pizzicato* no violino a escolha seria bastante óbvia, a meu ver. Então, tentei fazer ao contrário; mostrar-lhes o arco em primeiro lugar e demonstrar o que poderíamos fazer com ele. Como seria de esperar a reação era muito mais notória; ouviam um som alto, marcante e isso sim, já despertava a atenção deles. Mas mal tentava ensinar-lhes a pega do arco e como deviam pegar nele sem fazer força a reação já não era tão

favorável. Quando lhes entregava o arco para a mão e dizia “experimenta!” o som que produziam era arranhado, sem qualquer tipo de beleza, quase como sem som audível, seco. Nessa fase considerava que tinha voltado ao ponto zero, pois os alunos não gostavam de ouvir aquilo.

Até completar o 1º ano de Mestrado no Mestrado em Ensino de Música e ter de começar a pensar num possível tema para o 2º ano continuei a lecionar, da maneira que podia e conseguia, mas sem grandes evoluções, na medida em que há uma influência de vários fatores que determinam a evolução- o talento, o estudo em casa, o empenho, etc.

Quando finalmente ingressei no 2º ano de mestrado, enquanto pesquisava sobre os temas que me poderiam interessar, e me questionava sobre o que é que eu pretendia fazer, encontrei um acessório de borracha, constituído por duas partes, colocado no arco. Enquanto procurava mais informações sobre o acessório, a certeza de que poderia explorar esse tema foi aumentando; procurei, então, acessórios para outros instrumentos para tentar estar o mais possível dentro do assunto. A informação encontrada motivou-me para a abordagem deste tema e a sua aplicabilidade, durante o ano de estágio no Conservatório.

Nas pesquisas que fiz, apontavam o acessório *Bow Hold Buddies* como uma mais valia para a aprendizagem inicial do violino, na medida em que, ao permitir que todos os dedos ficassem na posição correta, refletia-se, de imediato, no som produzido, tornando-o muito mais audível. E, ao aliviar a tensão na mão direita, dando uma grande sensação de leveza, como se o arco não pesasse tanto como habitualmente, surgia como um instrumento facilitador na aprendizagem do aluno. Por isso, me propus testar as potencialidades do mesmo.

Estruturalmente, o presente relatório de estágio está dividido em 4 partes essenciais: o enquadramento teórico, onde se faz alusão a alguma da fundamentação teórica existente sobre a temática abordada; o enquadramento contextual, onde se evidencia o meio em que o projeto foi realizado; o plano de intervenção pedagógica, onde se expõe os objetivos e estratégias de intervenção realizadas; e a análise de resultados da investigação e da intervenção.

CAPÍTULO 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A aprendizagem do violino é reconhecida, como seja por Leopold Auer, Ivan Galamian, Carl Flesch e Simon Fischer, como um processo exigente e contínuo que está em constante desenvolvimento. Para além disso, é um instrumento em que a postura corporal do aluno é muito pouco natural no que concerne à anatomia humana (Nyman et al., 2007).

Ivan Galamian (1985, p. 93) salienta a importância do papel do professor na orientação do aluno, ao defender que um dos elementos essenciais que o professor deve ensinar aos seus alunos é a prática do estudo correto, e que é necessário consciencializar os alunos de que o estudo é uma continuação da aula, um processo de aperfeiçoamento, autoinstrução, no qual, durante a ausência do professor, o aluno é responsável por definir objetivos e supervisionar o próprio trabalho.

Alguns pedagogos, como Galamian (1962), Flesch (1928) e Rolland & Mutschler (1974), defendem que, para uma melhor consolidação da aprendizagem violinística, é mais benéfico trabalhar por partes, focar-se durante algum tempo em cada uma, para que os alunos não se sintam tão pressionados a ter de saber tudo de uma vez; algum aspeto acaba por não ficar tão seguro, e posteriormente, surgem os problemas técnicos no repertório mais complexo. Carl Flesch reforça esta ideia, ao referir que a técnica de mão esquerda e de mão direita devem ser ensinadas separadamente: “(...) no início, a técnica de mão direita e de mão esquerda são técnicas completamente distintas: o aluno deve fazer cordas soltas e exercícios de arco até ter a certeza de que possui uma técnica de arco hábil e até ser perceptível o seu sentido tonal” (Carl Flesch, 1928, prefácio).¹

No enquadramento teórico irei abordar o ensino do violino na iniciação, a dificuldade técnica da mão direita na aprendizagem do violino e a técnica do arco e, posteriormente fazer referência ao acessório *Bow Hold Buddies*, seguindo-se um levantamento dos acessórios que poderão existir para outros instrumentos.

2.1. O Ensino do Violino na Iniciação

O violino é considerado um instrumento de difícil adaptação no que diz respeito à anatomia humana (Nyman *et al.*, 2007), na medida em que requer que os alunos assumam posturas

¹ (...) at start, bowing and finger technique are entire separated from each other: the pupil should continue with bowing exercises upon the open strings until he has gained a certain amount of bowing ability and until his total sense and feeling have been awakened and development of same becomes noticeable” (Carl Flesch, 1928, prefácio).

assimétricas e mantenham os membros superiores elevados durante bastante tempo. A não compreensão de alguns detalhes, tais como a maneira de pegar no instrumento, a postura que devem ter ao longo do estudo, e a posição correta de ambas as mãos, por parte de alunos com faixas etárias mais pequenas (6 aos 9 anos de idade) leva, muitas vezes, a uma estagnação da evolução destes. Antes de tudo, o aluno precisa de entender como executar o instrumento a nível físico e, depois, perceber a execução dos exercícios (Ramella, Fronte, & Rainero, 2014). É essencial estudar o movimento nas diferentes fases do desenvolvimento corporal e motor, no período natal e na infância, na adolescência e na vida adulta. Tal como Gordon (2000) afirma, os primeiros anos de vida, desde que se nasce até aos seis anos, são cruciais para o indivíduo, mas são necessários cerca de vinte anos para que o organismo se torne maduro.

Aprender qualquer instrumento musical pressupõe que o aluno adquira uma destreza técnica considerável que lhe vai permitir obter capacidades para expressar emoções através da música. A destreza necessária é envolvida por habilidades motoras muito específicas, e a sua aquisição é baseada em princípios, conceitos e métodos. Segundo Galamian (1903-1981), para o desenvolvimento de uma técnica violinista é essencial uma grande habilidade para executar física e mentalmente os movimentos fundamentais quer da mão esquerda, como da mão direita (mãos e braços). Para isto acontecer, o foco tem de estar presente em todos os elementos corporais, e estes devem ser aperfeiçoados com exigência. Os movimentos precisam de estar coordenados inteiramente entre si. A conexão entre a mente e os músculos é fundamental para o alcance de uma maior facilidade e destreza técnica, que possibilite ao instrumentista exprimir-se e interpretar a música sem qualquer limitação (Galamian, 1962).

O primeiro ano de estudo de um instrumento de cordas, supondo que se inicia entre os 6 e os 10 anos, é um período determinante no desenvolvimento das competências motoras dos alunos. É de extrema importância o desenvolvimento do aluno a nível das competências de manipulação do seu instrumento e de execução de movimentos coordenados, para que o som seja produzido de maneira correta e clara; assim, o ensino do uso do corpo e dos seus movimentos são parâmetros que devem constar nas aulas de técnica de instrumento. É importante que os alunos conheçam e compreendam o uso dos movimentos e dos demais componentes do seu corpo, aplicados ao instrumento, antes de iniciarem a fase da pré-adolescência, fase essa onde os maus hábitos se tornam mais profundos (Medoff, 1999). Alguns movimentos podem ser fáceis e óbvios de aprender enquanto que outros podem ser mais subtis e de difícil compreensão; tendo em conta as características individuais de cada

aluno, quer física como mentalmente, o pedagogo precisa de adaptar as suas metodologias e estratégias para que este consiga aperfeiçoar e dominar estes movimentos de forma natural e livre de tensões (Galamian, 1962).

Galamian defende que o que realmente se pretende é que os alunos sintam liberdade nos movimentos aplicados na execução técnica das técnicas dos instrumentos. É necessário perceber quais ferramentas pedagógicas podem auxiliar a lidar com as ações psicomotoras da aprendizagem do aluno. O professor deve estar focado em conduzir cada aluno para que este se sinta o mais confortável possível com o seu instrumento. Há muitos métodos com regras rígidas que estimulam os alunos a manterem uma postura natural; apesar de existirem posturas e posições específicas e inerentes à prática do violino, pouco naturais, é atribuído ao professor o papel de orientar o aluno a desenvolver uma *performance* da maneira mais confortável possível, tentando conciliar técnicas e conhecimentos de forma individualizada (Perkins, 1995).

Para tocar são necessárias alguma tensão e força muscular para a execução dos movimentos, mas um dos erros mais visíveis ao longo da aprendizagem do violino é o uso de força excessiva. É preciso que a tensão e força não surjam em demasia ou proveniente de tensões desnecessárias. Os alunos possuem, individualmente, características anatómicas próprias dos dedos, mãos e braços que o professor deve-se considerar para atingir o máximo grau de conforto na *performance* (Galamian, 1962).

Simon Fischer defende como base de toda a aprendizagem da técnica violinística a liberdade física e mental, e que, por vezes, é dispensado demasiado tempo a trabalhar problemas da mão esquerda ou da mão direita, esquecendo a importância de, primeiramente, encontrar um equilíbrio e liberdade em todo o corpo. Após atingir este equilíbrio e liberdade tudo começa a fluir de maneira muito mais fácil. A tensão geral, no corpo, começa a surgir no pescoço e ombros propagando-se depois para os braços, mãos e dedos. O desconforto torna-se cada vez maior, e a produtividade menor, quando as passagens técnicas não são dominadas. O comum é repetir a passagem vezes sem conta, deixando de se tentar perceber o que fazer para resolver o problema; a resposta deve passar por tentar alcançar liberdade e leveza. Se o aluno não se consciencializar do que é necessário e básico para uma aprendizagem sólida vai, constantemente, errar e deixar de ter produtividade no estudo. Enquanto parecer demasiado difícil pensar em atingir a liberdade básica, Fischer recomenda que o enfoque seja colocado nas notas, começando pela parte mais simples (Fischer, 2013).

Auer (1921) afirma que o violino é um instrumento muito particular, que não há nenhum que exija tanta atenção e cuidado nas primeiras fases do estudo, e que a forma de lhe pegar e utilizar é um pré-requisito fundamental para um bom instrumentista. Este pedagogo inicia o seu livro *Violin Playing as I Teach it*, abordando primeiramente este tema – como pegar no violino. Para os que iniciam a aprendizagem do violino entre os 6 e os 10 anos, Auer aconselha a assistirem a vídeos dos maiores violinistas, assim conseguem esclarecer todas as dúvidas que possam ter em relação à postura. O importante, refere, é tentar ao máximo adquirir uma postura relaxada que permita ao instrumentista disfrutar do instrumento e conseguir interpretar as obras que toca da maneira que pretende, sem dores e desconfortos. Rolland & Mutschler enfatizam vivamente a importância de utilizarmos o corpo durante a *performance* musical referindo que:

A importância de considerar todo o corpo durante a *performance* de habilidades, quer físicas como musicais, não pode ser subvalorizada. Em contraste, o ensino de instrumentos de cordas convencional está, normalmente, limitado a praticar movimentos isolados dos braços, mãos e dedos, sem prestar atenção à atitude corporal como um todo. A ação total do corpo (...) pode apresentar-se de maneira quase indetetável, e isto ocorre quando o instrumentista tem um bom domínio e consciência corporal, totalmente equilibrado e relaxado, que escapa à atenção (Rolland, 1974, p. 4).²

2.2. Postura

Pinto (2016) no seu livro *O Arco: Contributos Didáticos para o Ensino do Violino* afirma que a postura do instrumento é um dos temas comuns mais abordados nos métodos, apresentada pelos autores como uma parte fulcral da aprendizagem. Em *A treatise of the fundamental principles of violin playing*, Leopold Auer (1921) aborda também este tema, defendendo que o que deve ser trabalhado em primeiro lugar é exatamente a boa postura do instrumentista, afirmando que os hábitos adquiridos numa má postura são extremamente difíceis de reverter, e que demora muito mais tempo a desabituar-mo-nos de um mau hábito do que tentarmos adquirir a maneira correta desde o início da aprendizagem. Auer (1921) refere que o violino deve ser colocado de forma a que os nossos olhos estejam na direção da cabeça/voluta do violino, e o braço esquerdo por baixo do violino e, posteriormente, os dedos devem posicionar-se perpendicularmente nas cordas, com as pontas firmes; para Auer, hábitos como colocar o violino no ombro devem ser evitados, sendo considerados por este,

² The importance of considering the whole body in the *performance* of musical or physical skills cannot be overemphasized. In contrast, conventional string teacher is usually limited to the isolated movements of the fingers, hands and arms, without much concern for the attitude of the body as a whole. Total Body Action, (...) almost undetectable movements of the body which occur when the player is well-balanced and relaxed, often escapes attention" (Rolland, 1974, p. 4).

como hábitos negativos, que afetam a postura correta do instrumentista, e conseqüentemente, diminuem o poder sonoro do instrumento, em mais ou menos 3x. O terceiro ponto anunciado por Auer como fundamental na manipulação do violino é tentar não utilizar almofada para o suportar, por não fazer parte do instrumento, considerando que a maneira mais simples e natural é a melhor maneira. Estes 3 pontos são os piores hábitos que o instrumentista pode adquirir no início da sua aprendizagem como violinista. Por outro lado, defende que o violino deve estar o mais para cima possível, de maneira a deixar o braço e mão relaxados, sem qualquer tipo de pressão, peso ou tensão.

Galamian (1962) descreve uma relação mais liberal do corpo, braços e mãos com o instrumento, de forma a que esta reflita uma *performance* musical o mais confortável e perfeita possível, afirmando que este, para si, é o principal critério para uma postura corporal correta qualquer ação muscular em conexão com a técnica de tocar violino. No que diz respeito à postura, o movimento exagerado do corpo enquanto tocamos deve ser evitado ao máximo. Por um lado, não é prazeroso de ver e por outro faz com que o arco tenha de estar sempre a ser reajustado em relação do violino, e isto acaba por adicionar um fator perturbador na *performance*. Apesar de apoiar um certo limite dos movimentos durante a *performance*, Galamian não defende a imobilidade – é necessário existir um meio termo.

Galamian (1962) é bastante mais tolerante do que Auer (1921), em relação à pega do instrumento. Para este pedagogo, a pega deve ser, acima de tudo, o mais confortável possível, quer os instrumentistas segurem o violino inteiramente com a cabeça e o ombro, ou o peso do instrumento seja suportado pela mão esquerda, em que na parte da clavícula existe apenas um pequeno apoio e o queixo suporta algumas passagens. Para um violinista que tenha um pescoço mais alto do que o habitual, Galamian reconhece que a utilização de uma almofada pode ser bastante benéfica, de modo a evitar uma posição muito desconfortável e, conseqüentemente, tensa. Contudo, o queixo nunca deverá ser pressionado contra a queixeira; a melhor solução para não acontecer tal coisa é colocar a queixeira no meio do violino em vez de no lado esquerdo (como é normal), de maneira a que a força exercida seja menor e que o instrumentista se sinta mais confortável enquanto toca. Além do mais, para além do conforto, colocar a queixeira dessa maneira permite que a pressão exercida seja mais facilmente distribuída. Relativamente à altura da cabeça/voluta enquanto o violinista está a tocar, Galamian considera como mais benéfica uma posição mais alta, ou em paralelismo com o chão, e desaconselha uma postura mais baixa de modo a que o peso do violino incida no ombro e na cabeça, em vez de fazer mais pressão na mão esquerda, o que prejudicaria a técnica da mão esquerda e faria

com que o arco estivesse constantemente a descair em direção à escala. Assim, em relação à altura da cabeça/ voluta, podemos considerar que, tanto Auer como Galamian estão em concordância.

Paul Rolland (1911- 1978), que escreveu *The Teaching of Action in String Playing* em 1974, defende que, da mesma maneira que exercemos todos os movimentos do quotidiano de forma natural e relaxada, o devemos fazer quando tocamos violino. Os movimentos utilizados no nosso quotidiano são os mesmo que são necessários no estudo deste instrumento. O seu livro foi escrito com o propósito de ajudar os professores de cordas, a abordar de uma forma mais sistemática os movimentos que resultam numa boa postura e *performance*, tendo o cuidado de analisar todas as faixas etárias. A sua metodologia baseia-se na promoção de uma postura e movimento equilibrados e relaxados, que permitam aos alunos lidar com as tensões exageradas, libertando-se delas, e apresentando alternativas para a resolução dos muitos problemas técnicos daí resultantes. Rolland afirma que é essencial considerar o corpo como um todo na execução da *performance* e que contrariamente existem muitos métodos pedagógicos que a limitam a movimentos isolados dos dedos, mãos e braços, sem uma visão global do corpo. Assim, acredita que é necessário a prática de movimentos específicos que preparem o arco e a mão esquerda, para o desenvolvimento de uma boa postura, a afinação e especialmente, o controlo do arco; ou seja, aprender a tocar violino através do movimento, incorporando movimentos físicos que se traduzam da maneira mais natural possível, reduzindo a tensão física. Com efeito, de acordo com Rolland & Mutschler:

Similarmente, a cura para a excessiva tensão muscular em todas as partes do corpo é a introdução de movimentos leves dentro das áreas que não estão diretamente relacionadas enquanto se toca. Movimentos corporais leves introduzidos ao transferir o peso de um pé para outro, elimina as tensões estáticas e permite ao instrumentista manter um equilíbrio corporal natural. Quando todas as partes do corpo estão soltas e livres para se movimentarem, o instrumentista adquire uma leveza enorme no arco, habilidades de mudança, ganha resistência, e experiêcia um sentimento de facilitismo e conforto enquanto toca (Rolland & Mutschler, 1974, p.32)³.

Kaplan (1987) concorda com a perspectiva de Rolland & Mutschler (1974), reforçando a importância de prestar uma grande atenção dos movimentos, na garantia de uma execução musical notória, e na

³ Similarly, the cure for excessive muscle tension in all parts of the body is the introduction of slight motions into the areas not directly involved in playing. Slight body movements, introduced by shifting weight, eliminate static tensions and allow the player to maintain natural body balance. When all parts of the body are free to move, the player acquires smoother bowing and sifting skills, gains endurance, and experiences a feeling of ease and comfort (Bennel, 2004, p. 9).

apresentação de soluções para problemas técnicos que os alunos que começam a sua aprendizagem do violino se deparam.

2.2.1. A cabeça

Durante a execução musical, a cabeça suporta o peso do violino e como tal, é preciso encontrar o equilíbrio certo que não cause desconforto ao instrumentista. É importante que a tensão exercida pela cabeça não seja feita em demasia, de modo a prevenir lesões a longo prazo. De acordo com Bennel, “esta ação resulta numa tensão na região das costas, inibindo o movimento livre e natural do ombro esquerdo” (Bennel, 2004, p. 9),⁴ defendendo que a cabeça não pode permanecer estática, devendo mexer-se e fazer movimentos de rotação durante a *performance*, de modo a aliviar as tensões que possam estar a acontecer. Um dos erros mais comuns na aprendizagem inicial do violino é ter a tendência de colocar a cabeça inclinada para a frente e não ligeiramente para a esquerda, e para Hoppenot (1991, p.32) as tensões de que os alunos se queixam na parte inferior do pescoço, advêm certamente dessa má postura da cabeça. Na sua perspectiva, é necessário que o pescoço também consiga encontrar o equilíbrio, que o permita estar relaxado e sustentar, então, o peso exercido pela cabeça.

2.2.2. As Pernas e os Pés

Depois da cabeça e do pescoço, as partes que suportam tanto o nosso peso são as pernas e os pés. Suzuki & Preucil (2007) conota os pés como a parte que fornece o equilíbrio ao corpo como um todo, e assim, dá mais ênfase à posição do pé esquerdo, considerando que o centro do equilíbrio deve estar sobre esse mesmo pé. Já Perkins (1995) e Rolland & Mutschler (1974) consideram que, durante a *performance*, é importante acontecer uma transferência de peso entre os pés, de maneira a que o peso seja distribuído de maneira igual, acabando por não sobrecarregar nenhum em demasia. Hoppenot (1991, p. 30) não atribui destaque a nenhum dos pés em particular, aconselhando um equilíbrio em ambos, o que faz com que a impulsão de todo o corpo seja bastante melhor, permitindo uma elasticidade que é necessária. Para o autor, não se deve enfatizar apenas um pé, mas sim o equilíbrio geral, que é estabelecido pela atividade dos dois pés, que impulsionam todo o corpo, além de tonificarem e produzirem a elasticidade necessária (Hoppenot, 1991, p. 30). Para Hoppenot (1991), as pernas são a parte que cria uma relação entre os pés e a parte superior do corpo, servindo de sustento

⁴ This gripping action results in tension in the back region, which in turn results in shutting off of free and natural movement in the left limb.

para toda a estrutura do corpo. Kempter (2003) concorda com Hoppenot ao afirmar que o comportamento das pernas durante a *performance* vai afetar tanto a parte superior como a parte inferior. Se o comportamento for de dureza e rigidez, estas refletem-se na parte superior do corpo e isolam a parte inferior.

2.2.3. Mão Esquerda

A maior parte do desempenho técnico durante uma *performance* acontece nos braços, nas mãos e nos dedos, e a ligação entre eles afeta diretamente toda a execução instrumental. Assim sendo, todos dependem uns dos outros. Se um destes elementos falhar, todos são afetados. Segundo Fischer (2004), é visível quando um aluno domina a técnica da mão esquerda, quando os movimentos dos dedos parecem suaves e relaxados durante a execução instrumental. Para que esse relaxamento e suavidade possam ser alcançados é necessário prestar muita dedicação ao polegar. Uma das funções do polegar é auxiliar no suporte do instrumento, tanto na *performance* como em passagens técnicas como as mudanças de posição (Flesch, 2000).

É fundamental trabalhar a pressão exercida pelo polegar quando entra em contacto com o instrumento. Fischer (2004) defende que este dedo é o principal no que diz respeito ao relaxamento, pois se estiver rígido e sob tensão, influencia todos os outros dedos que, conseqüentemente, ficam tensos. De acordo com Flesch (2000), o polegar cumpre funções como servir de apoio ao violino, aliviar a pressão dos outros quatro dedos, e auxiliar nas mudanças de posição, na medida em que tem de estar flexível quando as mudanças ocorrem, de modo a que a mão consiga percorrer sem tensão a escala toda do violino. Para Flesch (2000) é necessário que os dedos da mão direita não estejam muito curvados – de contrário o braço tem de estar permanente a ser forçado para o lado direito para conseguir alcançar todas as notas de maneira perfeita, o que considera um erro. Há algumas exceções – o braço deve fazer esse movimento quando se toca nas cordas mais graves, que facilita a *performance* e a permanência do relaxamento da mão. Em geral, porém, os dedos devem estar posicionados de maneira natural, para que daí resulte a leveza e fluidez essenciais numa boa *performance*. Uma razão que Fesch refere para considerar a forma natural como a mais indicada, tem que ver com o som que o violinista deve procurar, leve e limpo, e acima de tudo, porque a forma natural da mão evita problemas musculares que podem surgir a longo prazo se o aluno não os corrigir atempadamente.

Numa perspectiva menos enfática, Galamian (1962) sugere que a melhor técnica é a que permita ao instrumentista a realização dos movimentos mais relaxados. Para este pedagogo, não existe uma posição predefinida dos membros, mas sim, uma posição que permita o alcance da técnica perfeita da mão esquerda. Além disto, reforça a ideia de Flesch no que diz respeito à pressão em demasia de qualquer dos membros, em particular da mão e dedos, que, na sua perspectiva, também causarão problemas musculares e tensões acumuladas que irão afetar a *performance* e condicionar os movimentos.

Para Hoppenot (1991) a articulação que os dedos devem possuir advém principalmente do equilíbrio do corpo como um todo, e assim, não deixa de exigir muita atenção não só ao polegar, mas também, aos restantes dedos, e defende, que todos devem trabalhar em conjunto, de maneira consciente e atenda.

2.2.4. Mão Direita

A mão direita é a mão responsável pelo arco que assegura, conseqüentemente, a produção de som do violino. Através da mão direita, a mão do arco, é que é possível produzir o som e a articulação., ou seja, pela mão direita obtemos efeitos sonoros, dinâmicas e silêncio. É por isso que os pedagogos do violino realçam o tema da mão direita. Dominar a técnica da mão responsável por dar brilho ao arco é algo difícil e que exige imenso de cada aluno. Para Galamian (1962) o mais importante, primeiramente, é criar uma ligação entre a mão e o arco, e posteriormente, fazer destes um só. Assim, caracteriza a mão direita como a parte natural da técnica e o arco como a parte mecânica, e considera que só encontrando o equilíbrio entre estes dois elementos é que é possível chegar à técnica de arco tão desejada por todos os violinistas. Como efeito, escreve Galamian:

Violinisticamente, eles (mão e arco) são parcialmente artificiais (como é resiliente o cabelo do arco e a flexibilidade da vareta do arco), e parcialmente naturais (como as articulações do ombro, cotovelo, pulso, dedos e polegar). (...) Flexibilidade no braço, mão e dedos, é tão natural para o seu funcionamento, como a flexibilidade as pernas, pés e dedos dos pés no processo de andar. Deve haver

uma aparência de facilidade no arco, e não se assemelhar à rigidez que ocorreria se tentássemos andar sem dobrar as articulações dos joelhos (Galamian, 1962, pp. 45-46).⁵

Galamian acredita que se supormos que o arco não possui problemas de flexibilidade ou elasticidade, apenas a componente natural pode falhar. Esclarecendo, com esta opinião, Galamian não quer dizer que a elasticidade e flexibilidade são os elementos exclusivos para uma técnica, pelo contrário, mais uma vez, o equilíbrio entre o artificial e o natural deve formar harmonia, só o equilíbrio pode, assim, permitir uma técnica de arco eficaz. À semelhança desta perspetiva, também Flesch a apoia, reforçando que durante o estudo do violino, e na realização das *performances*, muito movimentos praticados requerem a conexão perfeita entre a mão e o arco, pois se na mão esquerda, a mão está em contacto direto com o violino, na mão direita isso não acontece, é preciso haver a passagem de informação da mão para o arco, que conseqüentemente se irá refletir no som produzido, e isto sim, é extremamente complexo, não esquecendo, claro, que a interpretação das peças acontece sempre de acordo com o que a obra precisa e o gosto pessoal do intérprete.

Por Galamian (1962) e Flesch (2000) concordarem que é essencial haver um equilíbrio entre o arco e a mão para que a técnica seja adquirida de forma coesa e profissional, também defendem que a própria postura da mão direita não pode ser fixa, pois se assim for não há variações de dinâmicas e o som produzido soa duro e pesado. Desta maneira, a mão está dependente tanto das mudanças exigidas pelo carácter das peças, como de quando o arco é percorrido entre o talão e a ponta, em que é necessário modificar a pressão utilizada.

2.3. O Arco

Galamian (1962) considera que primeiramente um instrumentista tem de possuir uma técnica bem consolidada e sólida, e só depois conseguirá fazeres boas interpretações e *performances* musicais, sugerindo que:

a técnica é a capacidade de indicar mentalmente e executar fisicamente todos os movimentos das mãos esquerda e direita, dos braços e dos dedos, necessários para tocar violino. Uma técnica completa implica o desenvolvimento de todos os elementos da capacidade de tocar violino ao mais alto nível.

Resumindo, é a mestria completa de todas as potencialidades do instrumento. (...) Sem a mestria de

⁵ Violinistically, they are partly artificial (such as the resilience of the bow hair and the flexibility of the bow stick) and a partly natural (such as the joins of the shoulder, elbow, wrist, fingers and thumb). (...) There should be an appearance of ease in the bowing, and it should not resemble the stiffness that would occur if one were to walk without bending the proper joints (Galamian, 1962, pp. 45-46).

uma técnica interpretativa adequada, o músico não poderá nem guiar nem seguir a música adequadamente (Galamian, 1962, p. 5).⁶

Assim, de acordo com Galamian, a técnica é o meio que deve ser aperfeiçoado com muita atenção e dedicação, para finalmente a parte emotiva e expressiva da música poder fazer sentido, entendendo a técnica e a expressividade como dependentes uma da outra. No prefácio do seu livro em que abordou toda a técnica da mão direita, Auer considera que é para esta que os professores devem direcionar primeiramente a sua atenção, ou seja, trabalhar a técnica de arco e só posteriormente focar-se na mão esquerda, sem nunca permitir que a mão direita perca o conhecimento adquirido, referindo:

é muito importante que no início da aprendizagem do violino os alunos aprendam a pegar corretamente no violino e no arco, de forma a adquirirem uma boa postura. Desta forma, os alunos ficarão impressionados desde o início com a importância da produção de um bom som. Mesmo tocando apenas cordas soltas, os alunos devem aprender a produzir um som claro, redondo, e devem também ser capazes de produzir diferentes dinâmicas. Até esta aprendizagem estar interiorizada, as atenções dos estudantes não devem ser desviadas para a mão esquerda (Auer, 1925, prefácio).⁷

Também Carl Flesch suporta esta perspectiva, sugerindo que a primeira técnica que deve ser transmitida ao aluno é a da mão direita, começando por fazer exercícios em que apenas se utiliza o arco nas cordas soltas. Deste modo, o aluno vai começar a despertar a sua atenção para o som que produz. Flesch defende que devem ser mantidos estes exercícios, de forma sempre o mais motivante possível, até que a técnica da mão direita esteja bem assimilada. Flesch dá bastante importância à técnica do arco de 3 escolas, todas elas tendo como grande foco o dedo indicador.

No que diz respeito à posição da mão do arco, enquanto Galamian (1962) afirma que deve se deve adotar uma postura predefinida, mas defende que esta, tal como a aprendizagem do violino no geral, não pode ser limitada e inflexível. Galamian (1962) defende uma técnica direcionada para o conforto e relaxamento da mão do aluno, indispensável para produzir um som bonito e leve. Aconselha a pegar no arco imaginando que a mão o mais relaxada possível. Sugere como exercício de iniciação pegar no arco com a mão esquerda, verticalmente, virando as crinas para o aluno, e ao colocar o

⁶ Technique is the ability to direct mentally and to execute physically all of the necessary playing movements of the left and right hands, arms and fingers. A complete technique means the development of all of the elements of the violinistic skill to the highest level. In short, it is the complete mastery over all the potentialities of the instrument. (...) Without the mastery supplied by an adequate interpretative technique, a player can neither properly lead nor properly follow."

⁷ It is all-important that the correct position of the body, and holding of the violin and bow be first established, after which the pupil must become impressed with the importance of tone-production from the very start. Even on the open strings alone he must learn to produce a clear, round tone, capable of dynamic shading... Until this has been accomplished, the student's attention should not be diverted through the additional difficulties of learning how to set the fingers (Auer, 1925, prefácio).

polegar no arco, tentar formar um círculo com toda a mão e encosta-lo ao dedo médio, devendo após este processo aproximar o círculo da vareta, sem desfazer a forma inicial, apenas com o intuito de permitir ao aluno segura-lo com mais confiança e firmeza. O indicador deve rodar ligeiramente para a esquerda e posicionar-se um pouco abaixo da articulação da falange proximal, pois este é o dedo que vai proporcionar as dinâmicas requeridas nas peças, o dedo anelar encostado ao médio, e o dedo mindinho apenas apoiado, com a maior leveza e relaxamento em cima da vara, perto do final do arco e sempre próximo do anelar. Galamian reforça o papel do dedo mindinho, muitas vezes, visto como secundário, mas na sua perspectiva, é essencial para que o instrumentista possa possuir o controlo necessário para executar todas as arcadas, e acima de tudo, é o dedo que equilibra o peso do arco, de maneira a que os outros dedos não tenham de estar rígidos para o segurar. A sua principal função é, portanto, ser o contrapeso do arco. Resumidamente, os dedos não podem estar todos separados, pois isso impossibilita a fluidez e relaxamento da mão, e por outro lado, também não podem estar juntos pois o aluno perde completamente o controlo do arco, e o som fica extremamente pesado e crú, resultando do excesso de pressão exercida nas cordas. Assim, defende acima de tudo uma posição da mão que seja o mais relaxada possível, que se ajuste às necessidades do instrumentista e lhe permita expressar-se da maneira que pretender.

2.4. Acessórios Pedagógicos para Violino e outros Instrumentos

Nesta secção, apresenta-se um conjunto de acessórios, relativos a instrumentos de cordas e de sopros, que podem ser benéficos para a aprendizagem dos instrumentistas. Dentro dos instrumentos de cordas existem os seguintes acessórios: o *Moon Embassy Violin Bow* (Fig. 20), que tem o mesmo objetivo do *Bow Hold Buddies*, de posicionar a mão direita corretamente no arco; o *Virtuoso Wrist Practise Aid- Violin and viola* (Fig.21), que permite que a posição da mão esquerda se mantenha correta, impedindo que a mão toque no violino ou viola de arco; o *ABC Arm- Bow Correction* (Fig. 22), que tem como função corrigir a posição do arco na corda em relação à escala e ao cavalete e pode ser utilizado no violino, na viola, violoncelo e contrabaixo; *NS Design Cello Thumb Stop*, que tem como objetivo dar uma noção ao aluno de onde deve ser colocado o polegar e destina-se ao violoncelo; *Bow hold buddies- cellophant*, utilizado pelos instrumentistas de violoncelo, na mão direita, com a mesma função do *Bow Hold Buddies* no violino; e o *Flanger Guitar Finger Training- Extendable Finger*, que ajuda o aluno a trabalhar a resistência, destreza, tensão e flexibilidade da mão esquerda.

Para os instrumentistas de sopros, existem o *Neotech Trombone Grip*, que se destina à aprendizagem do trombone, de maneira a facilitar a pega e posição da mão esquerda no instrumento; o *Thomann Posture Corrector*, que é indicado para instrumentistas de sopro, que facilita a correção da postura; o *Warburton Horn Grip*, que apesar de o título dar a entender que o acessório se destina a uma trompa, pela imagem parece-me que é indicado para um trompete, e que permite auxiliar o aluno a colocar a mão direita corretamente sobre os pistões; o *Vibrass Lip Trumpet*, acessório para trompete, que ajuda a relaxar o lábio após o estudo ou *performance* do trompetista; o *Ton Kooiman Thumb Rest-Clarinet and Oboé*, acessório para clarinete e oboé, que auxilia na colocação do polegar da mão esquerda e, provavelmente, sem magoar o aluno; o *Bo Pep Finger for flute*, acessório em borracha para a Flauta Transversal, que serve de apoio para a posição do polegar; e os *Palm Key Risers*, acessórios de borracha para o saxofone, que fornecem uma pega mais confortável e que, para quem tem uma mão maior do que o normal, acaba por preencher um bocadinho mais o espaço, tornando-se mais confortável a pega.



Fig. 1- Acessório para o arco



Fig. 2- Acessório para a mão esquerda



Fig. 3- Acessório para a correção do arco, no violino, na viola de arco e no violoncelo

2.5. O Acessório Bow Hold Buddies

O *Bow Hold Buddies* é um acessório pedagógico que se coloca no arco e, que tem como finalidade auxiliar os alunos na aprendizagem inicial do violino, viola e violoncelo, em faixas etárias pequenas (entre 6-10 anos), na medida em que permite que a mão e os dedos do arco fiquem na posição correta. Este acessório, se aplicado logo no início da aprendizagem, poderá suprimir algumas explicações e etapas técnicas. Ao providenciar uma posição/pega base do arco defendida por Ivan Galamian, os alunos são capazes de perceber muito rapidamente como os dedos se devem colocar no arco.

Um dos maiores entraves à aprendizagem e consolidação da técnica da mão direita, é o facto de cada dedo apresentar uma função e posição específicas e essenciais à execução do violino. O dedo indicador tem de estar separado do médio, e ligeiramente inclinado. Para além disto, não deve estar nem demasiado dobrado nem esticado. Na minha opinião, é um dos conceitos mais difíceis de explicar e em que os alunos demonstram muita resistência e desconforto, pois não inclinam o dedo, dobram-no demasiado, ou esticam-no. Tem como papel intervir nas dinâmicas pretendidas, na medida em que mais tensão produzirá um som mais intenso e cheio, e menos tensão um som mais suave e tranquilo. Seguidamente, os dedos médio e anelar devem estar juntos, bastante dobrados (a envolver a vareta do arco) e em que o dedo médio deve alcançar a noz do arco. Esta posição bem executada, tem como efeito uma aparência imediata de relaxamento da mão, uma vez que se estiverem dobrados corretamente, os nós são muito pouco visíveis. Neste caso, a maioria dos alunos colocava estes dedos mais esticados, de maneira semelhante ao indicador, o que provoca um grande descontrolo ao

manusear o arco, e uma conseqüente tensão exagerada, uma vez que os nós ficam muito visíveis. O dedo mindinho, que serve de contrapeso, e controla os movimentos retos que as arcadas devem ter, tem de estar redondo, e afastado do anelar. Assim, na generalidade, este é colocado constantemente esticado ou a envolver a vareta, imitando o dedo médio e o anelar; como conseqüência, se esticado, a mão fica automaticamente rígida, influenciando os restantes dedos, se envolvendo a vareta, o aluno perde o controlo do arco, e este não mantém um movimento paralelo em relação à escala e ao cavalete no violino. Por último, mas para mim, imprescindível como todos, o polegar. Este dedo tem de estar dobrado, e situado entre o espaço da almofada e o talão. O usual é os alunos colocarem-no esticado e, assim, altera inteiramente a postura da mão. Mesmo que os restantes dedos estejam na posição correta, basta o polegar estar esticado que toda a mão se torna tensa, rígida e inflexível, pois todos os nós dos dedos voltam a aparecer.

Como é demonstrado na Fig 1, o acessório é constituído por duas partes, com objetivos diferentes: o sapo é inserido na vara do arco, enquanto que o peixe fica na parte final do arco, perto do parafuso. O sapo coloca-se entre o primeiro e o segundo dedo da mão direita, de maneira a formar uma ligeira separação entre eles, separação essa que é aconselhada por Galamian (1962); por baixo do sapo tem um buraco, onde o aluno coloca o polegar apoiado na vara e a tocar no segundo dedo (dedo médio), reforçando o círculo entre estes dois dedos; o segundo e terceiro dedos ficam apoiados na vara, praticamente encostados, e o mais relaxado e naturalmente possível; por último, o quarto dedo (mindinho) é colocado no buraco que se encontra dentro do peixe, a tocar na vara, mais uma vez relaxado e, em formato redondo.



Fig. 4- Bow Hold Buddies

O *Bow Hold Buddies* atua como um molde para que a posição da mão se mantenha correta, sem que os alunos tenham de estar sempre com dificuldades, e a lutar para aprender uma posição tão estranha no início da sua aprendizagem. Este acessório pretende auxiliar a aprendizagem do aluno e a execução do instrumento, permitindo que os alunos se foquem no som produzido e não dificuldade que os outros conceitos apresentam.

Ao analisar toda a técnica ligada à mão direita e à pega do arco, entende-se que o objetivo do acessório *Bow Hold Buddies* pretende, exatamente, colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos quando tentam aprender a posição da mão. Através das duas peças constituintes, é automática e naturalmente adquirida, a postura pretendida. Verifica-se que a postura que Galamian incentiva é semelhante à que o acessório pretende retratar, na medida em que este promove a pega correta do arco, e conforto necessário para a execução instrumental, e sem tensões exageradas. Assim, respondeu-se aos objetivos propostos por esta intervenção, que foram a facilitação da iniciação ao instrumento, proporcionando um acessório que os motivasse e ajudasse na colocação da mão direita, e a apreciação do som produzido enquanto tocavam, pois sentiam a mão muito mais confortável e leve.

CAPÍTULO 3. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL

O projeto de intervenção foi aplicado com os alunos de violino do Conservatório do Porto, uma escola de ensino público, que fez no ano passado 100 anos de existência. De acordo com o *Projeto Educativo do Conservatório do Porto*, o Conservatório foi instaurado oficialmente a 9 de dezembro de 1971, na rua Travessa do Carregal nº87. Em 13 de Março de 1975 houve uma mudança de instalações, e passou a vigorar na rua da Maternidade, nº13. Posteriormente foram necessárias obras de requalificação e aumento do Conservatório, tendo, a partir de 15 de setembro de 2009, sido transferido para a ala norte da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, na Praça Pedro Nunes, em que foi construído um edifício novo adjacente ao já existente, onde foram construídos os auditórios, a biblioteca e as instalações do 1º ciclo.

Este conservatório é público, e está inserido no Ensino Artístico Especializado da música, que se dedica ao ensino de vários níveis de escolaridade, desde o primeiro ciclo até ao ensino secundário, mas que funciona em coordenação com os planos do ensino regular, mas inseridos numa escola pública do ensino artístico. Está localizado no coração do porto, e é considerada uma escola que detém uma importância significativa, tanto pela sua localização, que alberga tanto a população do porto como as que se situam nas periferias, como investe em atividades de enriquecimento musical, que é transmitido aos seus alunos, e conseqüentemente à sua região (Projeto Educativo do Conservatório do Porto, 2020).

Neste conservatório estudam cerca de 1000 alunos, que integram os níveis de ensino entre o 1º ano do 1º ciclo, até ao 12º ano- 8º grau. Para se poder admitir ao Conservatório, os alunos passam por uma série de provas de seleção, devido a ser uma escola de Ensino Artístico Especializado de Música. Após o processo de provas, os júris procedem a uma seleção, baseada nas capacidades e conhecimentos de cada aluno, sem constar se vivem na zona ou qual o estrato socioeconómico dos representantes. O nível socioeconómico não é constado no processo de admissão, mas permite ao Conservatório perceber qual o acompanhamento dos alunos admitidos fora das aulas, e mesmo nas deslocações para a instituição (Projeto Educativo do Conservatório do Porto, 2020).

O Conservatório, como consta no Projeto Educativo do Conservatório, permite que os representantes dos alunos que não tenham possibilidade para comprar um instrumento, procedam ao empréstimo de instrumentos musicais, pois estes são bastante caros, mas o número da oferta

acaba por não conseguir assegurar toda a procura existente. Há muitos estudantes deste conservatório que não possuem a língua portuguesa materna e são de diferentes étnicas, e como tal, muitos professores que lecionam no conservatório, são estrangeiros, o que permite que esses alunos nunca se sintam constrangidos (Projeto Educativo do Conservatório do Porto, 2020).

A Missão do Conservatório de Música do Porto é dar oportunidade a todos os alunos de obterem uma formação excelente na área da música, que tem como objetivo orientá-los no sentido de prosseguirem o estudo da música posteriormente. As escolas que fazem parte do ensino especializado de música são designadas para alunos que detenham aptidões musicais; assim, são realizados testes específicos que permitam apurar a habilidade desses mesmos alunos (Projeto Educativo do Conservatório do Porto, 2020).

Este estabelecimento de ensino tem como objetivo transmitir conhecimentos e competências dentro da “execução e criação musical”, tentando sempre incentivar os seus alunos a conseguirem ultrapassar as suas dificuldades, e que para isso precisam de ser disciplinados, focados e, obviamente, terem professores que os auxiliem neste caminho, que é bastante exigente. Assim, procura incentivar todos os alunos a superarem as duas dificuldades, sempre em busca de melhorarem, através de um estudo conciso e bem coordenado. Tenta inculcar o sentido de responsabilidade, ao dar-lhes ferramentas que lhes permitam começar a serem confiantes neles próprios, sem terem de recorrer constantemente ao auxílio do professor. Também ao nível pessoal, tenta educá-los no sentido de noção de sociedade, e como nos comportarmos quando estamos inseridos em determinados locais, durante toda a nossa vida, quer pessoal como profissionalmente. Por outro lado, ajuda-os a tentar sempre fazer melhor e diferente de cada um, tentando fazer com que cada aluno se torne único, com as suas próprias convicções e expressividade musical (Projeto Educativo do Conservatório do Porto, 2020).

Em relação aos cursos que se encontram em vigor e estão presentes no Projeto Educativo do Conservatório do Porto (2020), o Conservatório disponibiliza os seguintes: Curso Básico de Música e Cursos Secundários de Instrumento, Formação Musical, Composição e Canto. Posteriormente, foi adicionado, o nível preparatório, que é direcionado para o 1º ciclo, para que, deste modo, a oferta educativa possa começar ainda mais cedo, de modo a preparar os alunos ainda com mais cuidado e atenção. Recentemente, foi também aberto o Curso de Guitarra Portuguesa, e o de Acordeão e Bandolim. Já existente, mas alargada aos cursos de canto e instrumento existe, também, a variante de Jazz (Projeto Educativo do Conservatório do Porto, 2020).

3.1 Horário de Estágio

O horário do Estágio Profissional acordado com professor cooperante (M24 e M32) a Professora Cecília Falcão, em cooperação com a Professora Joana Gonçalves e do Professor Emanuel Melo, concentrava-se em dois dias, quinta-feira e sexta-feira, e conteve uma carga horária de 15 horas semanais, constituídas por alunos de iniciação, 2º ciclo, 3º ciclo e secundário, e por uma orquestra infantil, com alunos de iniciação, desde o 1º ano até ao 4º. Nas quintas-feiras, às 8h20 era a Aluna A, às 9h05 a aluna B, às 10h10 a aluna C, às 10h55 e até às 12h35 a Aluna D; na parte da tarde, às 15h20 o aluno E, às 16h05 a Aluna F, e às 17h35 terminava com a Orquestra Infantil. Nas sextas-feiras, começava as 10h10 com a Aluna G, às 10h55 juntavam-se as alunas G e H, às 11h50 a aluna H. Da parte da tarde, recomeçava às 14h20 com a Aluno I, às 16h05 com a Aluna J, terminando às 17h05 com a Aluna K.

Relativamente às aulas lecionadas para implementação do projeto, na disciplina de instrumento foram 12, no total, em que cada aluno teve 4 aulas (nos alunos da professora Joana e do professor Emanuel (2) apenas implementei o acessório, não dei aulas). No contexto de música de câmara (orquestra infantil), todas as aulas que lecionei seguiram o planeamento/programa da professora Cecília Falcão, tendo sido no total 3 aulas, e uma audição- orientada por mim devido a baixa médica da docente.

3.2. As Disciplinas e os Professores

Como referido, o Projeto de Intervenção foi aplicado nas disciplinas de Instrumento, neste caso Violino (M24) e de Música de Câmara (M32), com uma Orquestra Infantil de Cordas, nível iniciação, do 1º ao 4º ano. O programa de Violino contemplava materiais desde o 1º ano até ao 12º, ou seja, desde a iniciação até ao 8º grau.

A professora que me supervisionou e apoiou neste estágio foi a Professora Cecília Falcão, tanto na disciplina de instrumento como de música de câmara. De modo a obter uma maior experiência no nível da iniciação, solicitei aos professores Joana Gonçalves e Emanuel Melo que me deixassem assistir às aulas de um aluno cada um.

No decurso das aulas, a professora Cecília Falcão começava normalmente com as escalas e com os arpejos que os alunos estavam a trabalhar. Posteriormente, abordava os estudos, peças e

concertos que os alunos estivessem a estudar, e procedia às correções e indicações necessárias. Mesmo que as aulas não corresse bem, ou que os alunos demonstrassem dificuldades ao longo das aulas, a professora incentivava-os sempre, e encorajava-os a fazerem melhor, a tentarem estudar de uma maneira diferente. Dava os parabéns àqueles que se esforçavam de aula para aula e isso fazia com que eles se sentissem motivados.

Na disciplina de Música de Câmara, a orquestra infantil, de iniciação, incluía alunos do 1º ano ao 4º ano. Normalmente, executava-se inicialmente parte por parte: os 1ºs violinos, depois os 2º, depois as violas e, depois os violoncelos e contrabaixos; posteriormente juntava-se os 1ºs violinos com os 2ºs para o resto da orquestra ouvir e prestar atenção a cada voz da orquestra. Depois de algumas repetições, quando se considerava que já estava mais ao menos seguro pedia para se fazer tutti, e repetia mais algumas vezes. Em quase todas as aulas a professora trazia uma peça nova.

Com a Professora Joana Gonçalves, assisti às aulas de uma aluna, que estava a começar a sua aprendizagem nesse ano letivo. A aluna mostrou-se interessada durante todas as aulas e a professora utilizava comparações que a permitiam associar melhor a parte técnica do instrumento ao seu quotidiano.

Com o Professor Emanuel Melo, assisti, também, às aulas de uma aluna, que também começou a sua aprendizagem nesse ano. A aluna mantinha-se focada durante todas as aulas. Nas aulas, foi enfatizada a questão da postura.

3.2.1 Caracterização dos Alunos

O Estágio Profissional incidu na observação de aulas de instrumento (violino- M24) de doze alunos do professor cooperante e dois alunos de dois professores que solicitei para poder trabalhar com mais alunos de iniciação e, posteriormente, na aplicação do projeto em cinco desses alunos. Aos restantes alunos dei aulas esporádicas solicitadas pelo professor cooperante, consoante o programa seguido pelo mesmo. Houve um acompanhamento dos alunos sempre que possível, em provas, audições, concursos, recitais, aulas extra quando necessário, e mesmo quando o professor cooperante esteve de baixa devido a um imprevisto. A escolha dos alunos intervenientes foi feita com base no tema escolhido, que se focava nos alunos que estavam a iniciar a sua aprendizagem do violino, remetendo-se, então, para as crianças entre os 6 e os 9 anos, que se encontravam na iniciação- 1º ao 4º ano.

Segue-se, assim, uma caracterização dos alunos realizada com base nas observações recolhidas ao longo do ano letivo, tanto na observação das suas aulas como na intervenção.

Aluna A (1º ano, 1º ciclo)

A aluna, afeta à Prof.a Joana Gonçalves, tinha 7 anos, e começava a sua aprendizagem no violino. Era uma aluna tímida, talvez por ter começado há pouco tempo, mas muito empenhada e não se distraía durante toda a aula. Estava a aprender as notas e alguns ritmos mais básicos. As mãos ainda não eram colocadas corretamente, e ficava cansada muito rapidamente; por norma colocava o violino muito para baixo porque como a postura é muito desconfortável, acabava por sentir muito peso e descia o braço. Apesar de a postura ainda não estar bem segura, tinha muitas capacidades, mantinha um estudo regular e contava com muito apoio por parte dos pais, que a ajudavam em casa durante a semana. Nas aulas estava sempre muito focada, não questionava nenhuma instrução da professora e tentava sempre melhorar.

Aluna B (2º ano, 1º ciclo):

A aluna B tinha 7 anos. Tinha começado a estudar violino há dois anos. Tocava bem, tinha um som muito bonito, mas ainda demonstrava algumas dificuldades em afinar e em manter a posição da mão direita correta no arco. Normalmente esticava o mindinho, acabando por perder o controlo do arco e, por vezes, colocava o arco muito próximo do cavalete ou da escala.

Durante as aulas apresentava uma atitude calma; cantava enquanto tocava, e não costumava iniciar conversas, mas respondia a tudo e, nas aulas que lhe lecionei tentei fazer com que se desinibisse um pouco mais e penso que consegui ganhar um pouco da sua confiança. Estava sempre sorridente, nunca se queixava ou pedia para parar e nunca recusava uma sugestão da professora. Tentava sempre melhorar de aula para aula e tinha um estudo regular em casa.

Aluna C (2º grau):

A aluna C encontrava-se no 6º ano, mas estava muito atrasada na disciplina de violino. Estava no 2º grau, e demonstrava ter imensas dificuldades. A mão direita e a esquerda estavam quase

sempre mal posicionadas. Tinha pouco controlo no arco e dificuldade em articular, ainda, os dedos na mão esquerda. Ainda tocava as escalas básicas (LáM, RéM, SolM) com apenas uma oitava e o arpejo também e, mesmo assim, falhava notas. A nível de repertório, tocava peças relativas à idade de 6-7 anos, como o *Long Long Ago*. Faltava muitas vezes às aulas, sem avisar, e quando vinha não parecia muito aberta a sugestões e instruções. Apesar disso, com esforço da professora ia tentando melhorar durante a aula, mas o trabalho individual era insuficiente. Era muito calada, quase não se pronunciava durante toda aula, não iniciava conversações e as suas respostas baseavam-se apenas em “sim”, “não”, “não sei”, “talvez”; muito limitadas.

Aluna D (4º grau):

A aluna D, com 15 anos, tinha começado a tocar violino com três anos. Estava no 4º grau, mas apresentava um nível de 8º. Estava muito avançada, era talentosa e tem algumas facilidades. Estudava regularmente e mostrava resultados mais sólidos de aula para aula. Tem uma boa técnica, quer na mão esquerda, quer na mão direita. Toca repertório muito avançado para a idade dela e é bem-sucedida. Era uma aluna reservada que raramente falava ou iniciava uma conversação com a professora, cingindo-se a responder às afirmações e perguntas feitas. Tinha uma relação boa com a professora, e normalmente correspondia às expectativas.

Aluno E (3º ano, 1º ciclo):

O aluno E tinha 8 anos, e era educado e respeitador. Tinha muitas capacidades, e estudava regularmente, por isso obtinha resultados bons a cada aula. Tinha uma relação muito boa com a professora, esforçava-se imenso por mostrar-lhe que é capaz de fazer sempre melhor. Às vezes desconcentrava-se enquanto estava a tocar, acabando por falhar notas e esquecer onde ia na peça. Quando estava concentrado e focado na aula, tinha um bom som e um bom controlo de arco, apesar de ainda não colocar a mão direita corretamente; a mão esquerda estava quase sempre bem, com os dedos redondos e afinados. Percebia quando falhava, pedia desculpa e começava sempre de novo, de modo a compensar o erro e estudar melhor o que não estava bem sólido. Tinha noção do tempo e da afinação das notas, por isso percebia quando não tocava afinado.

Aluna F (7º grau):

A aluna F tem capacidades, mas que estudava pouco. Tinha uma postura um pouco errada, com o violino sempre muito para baixo, o que lhe trazia dificuldades nas passagens mais técnicas e o som mais abafado. Nas aulas esforçava-se. O estudo individual era insuficiente, incluindo a correção da postura. Já esteve quase a desistir, mas continuou. Tinha fases em que estava mais empenhada e com vontade de melhorar e outras que não lhe apetecia tocar, ou esforçar-se. Na relação, era uma aluna respeitosa. Nunca questionava uma indicação, nem se recusava a fazer nada pedido pela professora.

Aluna G (4º grau):

A aluna G era tímida, praticamente não falava durante a aula e quase não se pronunciava quando a professora se dirigia diretamente a ela, ou lhe dava uma instrução. Tinha dificuldades técnicas. Tem umas mãos muito grandes para a sua idade, por isso esticava muito os dedos da mão direita. Conseguia colocar os dedos corretamente da mão esquerda e tocava afinado. Apesar das dificuldades evoluiu. Estudava em casa, e já tocava repertório complicado, tanto a nível de escalas como de estudos, peças e concertos. Tinha uma atitude respeitosa para com a professora e têm uma boa relação.

Aluna H (4º grau):

A aluna H era tímida, sossegada, e quase não falava nas aulas. Tinha dificuldades, especialmente na mão esquerda. Fazia muita tensão nos dedos e não conseguia colocá-los totalmente redondinhos, e chegava a empurrá-los muito para a frente. A sua mão direita era colocada corretamente, mas não fazia uso completo do arco. Tinha um bom som, mas tocava sempre muito piano, o que fazia com que não se distinguíssem dinâmicas e que as peças pareciam sempre inseguras. Demonstrava ter pouca autoconfiança. Nas aulas respeitava imenso a professora, acatava cada instrução e pedido e tentava sempre melhorar e mostrar, à sua maneira, que se estava a esforçar. Apesar das dificuldades tem um som muito bonito.

Aluna I (8º grau):

A aluna I era extremamente empenhada. Conciliava o ensino no conservatório com o curso de Ciências e Tecnologias no ensino regular. Estava no 12º ano e mesmo assim conseguia evoluir sempre de aula para aula e esforçava-se para melhorar. Tem um som bom, mas algumas dificuldades técnicas, que se deviam mais a falta de tempo para estudar do que a falta de capacidades. Tem talento, e tentava não falhar. Já estudava com esta professora desde que começou a estudar violino.

Aluna J (1º ano, 1º ciclo):

A aluna J começou a ter aulas de violino no segundo período. Era aplicada e tinha muito apoio e supervisão dos pais em casa, que assistiam às aulas e tentavam ajudar o máximo que podiam em casa. Ainda só tocava cordas soltas, e a professora ia introduzindo ritmos pouco a pouco, para ela começar a dominar o arco. Foi a primeira aluna que teve acesso ao acessório *Bow Hold Buddies* e tanto ela, como a mãe e a professora ficaram impressionados com a influência positiva que o acessório teve, automaticamente, na posição dos dedos da mão direita, no arco. Era uma aluna predisposta a cumprir os objetivos propostos pela professora, raramente se queixava ou dizia que estava cansada.

Aluna K (1º ano- 1º ciclo): Aluna do Prof. Emanuel Melo

A aluna K, afeta ao Prof. Emanuel Melo, tinha 7 anos. É muito alegre e muito viva. Não parava quieta um segundo e isso poderia fazer com que o professor tivesse dificuldades em mantê-la concentrada, mas como o professor também é muito dinâmico, conseguia captar muito bem a sua atenção. A aluna ainda se encontrava no início da sua aprendizagem e, por isso, o professor estava constantemente a corrigir a sua postura, não só no que diz respeito às mãos, mas especialmente em relação ao ombro direito, que estava quase sempre muito alto e muito tenso. Durante a aula, estava sempre focada em tocar melhor a cada vez que tocava e a cada instrução que o professor dava. Normalmente, depois de algumas repetições do repertório, o professor acompanhava-a ao piano e isso deixava-a satisfeita porque queria dizer que ela estava pronta para tocar sozinha, sem a supervisão direta do professor. Embora tivesse um som razoável, ainda não tinha muito controlo no arco, deixava-o descair para a escala ou colocava-o muito em cima do cavalete, mas o professor apoiava-a muito nesse sentido, para que ela não se sentisse pressionada.

3.2.2. Orquestra Infantil (Iniciação: 1º-4º anos)

A orquestra infantil, de cordas, era dirigida pela professora Cecília Falcão. Os alunos eram muito energéticos e, como a aula era às 17h05m muitos vinham cansados e, mostrava-se difícil mantê-los concentrados. Todos os alunos eram educados, respeitosos com a professora e acatavam sempre as suas instruções. Quando ela pedia silêncio eles conseguiam calar-se, mas não o silêncio não durava muito tempo. A orquestra era constituída por 22 elementos, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, ou seja, entre o 1º e o 4º ano, do 1º ciclo. Na Tabela 1 detalham-se os naipes da orquestra.

Tab. 1: Naipes da orquestra infantil

Orquestra Infantil de Cordas (Iniciação)	
1ºs Violinos	5
2ºs Violinos	5
Violas	5
Violoncelos	4
Contrabaixos	2
Harpa	1
Acompanhamento ao piano com a Professora Susana	

Assim, a orquestra era constituída por 5 alunos no 1º violino, 5 alunos no 2º violino, 5 alunos nas violas, 4 alunos nos violoncelos, 2 alunos nos contrabaixos, e 1 aluno na harpa. No piano tocava a professora Susana, acompanhando a orquestra durante as aulas e nas audições.

CAPÍTULO 4. PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

4.1. Problemática e objetivos

Com o projeto de intervenção procurou-se avaliar as vantagens e desvantagens da utilização do acessório *Bow Hold Buddies* na iniciação ao violino. Em particular, se este acessório facilita a aprendizagem na iniciação ao instrumento, dado que a criança tem oportunidade de se concentrar em outros aspetos da execução.

Na minha experiência como estagiária no Conservatório, deparei-me com alunos muito diferentes e especiais, que apresentavam capacidades e dificuldades peculiares, o que me desafiou a ter de me superar enquanto professora, procurando recursos e estratégias que os ajudasse a aprender melhor, a gostar de aprender e a ultrapassar as tarefas propostas. Assim, o papel do professor é muito mais exigente, em que este se deve adaptar e tentar compreender e transformar as dificuldades apresentadas pelos alunos, em conhecimento e aprendizagem. Ao assumir esta perspetiva, o meu objetivo focou-se não em facilitar o trabalho dos alunos na iniciação ao instrumento, mas sim procurar algo que permitisse uma aprendizagem inicial não tão difícil e que, ao mesmo tempo, motivasse os alunos para o estudo do instrumento e conseqüentemente, a não desistência dos mesmos.

Ao longo do ano letivo, percebi que, no geral, a conciliação de todos os conceitos técnicos era muito complicada, e que a maioria dos alunos, num determinado período da sua aprendizagem, se sentia desmotivado. Assim, uma das variáveis acaba por não ficar consolidada, e isso tinha como consequência a permanência de alguma “deficiência” técnica. De todas, a posição da mão direita era das que causava mais confusão aos alunos, devido à sua colocação muito pouco natural, o que fazia com que os alunos colocassem a mão, quase sempre, de maneira incorreta, com imensas tensões, o que provocava uma má execução e um cansaço muito rápido. Com exige uma posição da mão relaxada, mas com uma tensão necessária, era difícil perceberem como tinham de a colocar; a explicação da própria postura da mão também não era fácil: separar o indicador do médio e incliná-lo ligeiramente, o médio e o anelar juntos e a tocar na noz do arco, e dedo mindinho redondo pousado em cima da vareta, na ponta do arco. Quando tentavam tocar o som produzido era arranhado, por causa da tensão excessiva, e o arco estava quase sempre descontrolado, ou seja, em vez de manter uma trajetória paralela em relação à escala e ao cavalete, tanto ia para cima de um como do outro. Deste modo, introduzi o acessório *Bow Hold Buddies*, com o objetivo de os auxiliar nesse aspeto. O acessório permitia que a posição da mão ficasse corretamente, e ao preenchê-la dava uma sensação de leveza e relaxamento. A sua utilização pretendia que a postura da mão direita ficasse consolidada, e

que quando fosse retirado a pega já fosse automática e, assim, os alunos não sentissem mais dificuldade em pegar no arco.

A opinião acerca dos acessórios como auxiliares da aprendizagem instrumental é muito díspar: há quem concorde com a sua utilização e acredite que sejam benéficos, há quem defenda que criam dependência, o que faz com que a retirada do acessório deixe o aluno desconfortável e, conseqüentemente, com as mesmas dificuldades iniciais, desacreditando, assim, a sua utilidade. Como meu objetivo era, exatamente, tornar a aprendizagem inicial mais acessível e motivadora, mas sem causar dependência, porque se o aluno após a retirada do acessório continuasse a manifestar dificuldade em pegar no arco e manter uma posição correta das mãos, este não tinha beneficiado a aprendizagem do aluno, a um mês do término do ano letivo, retirou-se, assim, o acessório e observou-se a evolução do aluno.

4.2. Instrumentos de recolha de dados

A componente investigativa da intervenção teve como instrumentos de recolha de dados o registo de observação de aulas; fotografias antes da aplicação do acessório; fotografias aquando da aplicação do acessório; diálogo com os alunos sobre o acessório, durante a sua utilização; fotografias após a retirada do acessório; e questionário aos alunos intervenientes após a retirada do acessório.

Os registos de observação das aulas permitiram, antes da implementação do projeto, recolher informações sobre a personalidade de cada aluno, observar as suas capacidades e dificuldades relativas ao instrumento, quanto o tempo de estudo dedicado ao mesmo, se esse estudo era consciente ou inconsciente, se percebiam quais as maiores dificuldade sentidas na aprendizagem do instrumento.

As fotografias tiradas antes da aplicação do acessório serviram para captar qual a posição da mão do aluno no arco, com o intuito de possuir um termo de comparação entre o antes e o após do projeto. As fotografias tiradas durante a utilização do acessório tiveram como objetivo captar a posição da mão do aluno no arco ao longo do projeto, e perceber, através do diálogo com o aluno, se o acessório era confortável, se tinham mais estabilidade enquanto tocavam, se se sentiam com mais confiança a pegar no arco e se achavam que conseguiam tocar melhor ao utilizar o acessório. As fotografias realizadas após a retirada do acessório tiveram como finalidade comparar a posição da mão do aluno após a utilização do acessório com as que foram captadas anteriormente à sua aplicação.

Por último, foi feito um questionário aos alunos que intervieram no projeto. Esse questionário tinha como objetivo saber e compreender a opinião do aluno relativamente ao projeto que lhe foi aplicado. Pode-se considerar que todo o projeto se confinou a este questionário, ou seja, foi através dele que foi possível entender se, neste caso, acessório tinha sido, de facto, benéfico ou não.

4.3. Alunos Intervenientes

A escolha dos alunos intervenientes foi feita de acordo com o tema em questão. Apesar de ser um acessório que pode ser utilizado por todas as pessoas, quer por crianças e adolescentes como por adultos, a seleção direcionou-se para crianças, entre os 6-9 anos, que estavam a iniciar a aprendizagem do violino. Optou-se por aplicar este projeto em crianças por que, na minha opinião, as crianças podem sentir-se desmotivadas mais facilmente em relação aos alunos mais velhos, pela dificuldade da pega do arco e porque os adolescentes e adultos têm uma maior consciência e compreensão de como se processa a pega do arco. Sendo uma posição muito complexa de se executar, mais complexo se torna ter de explicar a uma criança, enquanto que as faixas etárias mais avançadas acabam por conseguir pelo menos imitar a posição, não perfeitamente numa fase inicial, e tomar consciência quando o professor explica que é preciso que os músculos envolventes estejam relaxados, de maneira a que não sejam feitas tensões desnecessárias e para que o som produzido seja “limpo” e não “arranhado”. Tentar explicar a uma criança que ela tem que estar relaxada para conseguir reproduzir o som desejado é, de facto, uma tarefa árdua.

Por estes motivos, o projeto foi direcionado para as faixas etárias mais novas. O acessório, após ser colocado, dá uma estabilidade e um preenchimento à mão que permite que a pega seja mais confortável, o que faz com que, como a mão da criança é pequena e o arco é relativamente comprido, a mão fique mais preenchida e seja obtido um grande conforto quando se pega no arco.

4.4. Relatórios das Aulas

Ao longo da fase de intervenção foram lecionadas quatro aulas a cada aluno que participou no neste projeto. As aulas lecionadas, como referido anteriormente, decorreram de encontro com o programa que o professor cooperante estava a seguir, mas como forma de aprofundar o tema do projeto, e perceber como estava a ser esta experiência sentida pelos alunos, durante as aulas existiram muito diálogos sobre as dificuldades relativas à pega do arco, e no geral, à aprendizagem do

instrumento e, também, abordando o acessório *Bow Hold Buddies* e os problemas que pretendia colmatar.

A aluna B encontrava-se no 2º ano de iniciação e nas aulas que lecionei foram abordados estudos, escalas e peças que auxiliavam na consolidação das escalas que eram trabalhadas. Assim a aula começava com a execução da Escala de SolM, que na altura acrescentou uma posição diferente à mão esquerda, em que o segundo dedo era junto ao primeiro e não ao terceiro como habitualmente. Como era uma posição nova, a execução demorava sempre algum tempo, pois eram necessárias bastantes repetições para que a aluna se começasse a habituar. Posteriormente, para consolidar a Escala, tocava estudos, nomeadamente o *Etude* do *Suzuki Method I*, e peças, como *O Caracol* do livro *O meu primeiro livro de violino*. Como a Escala de SolM também introduzia as cordas Sol e Ré que até à data ainda não tinham sido abordadas, eram feitos exercícios que trabalhassem a posição do cotovelo em relação às cordas mais graves, em que este deveria estar mais levantado e afastado do corpo, o que não acontecia nas cordas Lá e Ré. Para não desaprender a posição em que o segundo dedo se juntava ao terceiro, também tocava a Escala de LáM, sempre com arpejo, e peças a serem preparadas para audições.

Relativamente à experiência com o acessório, entre diálogos a aluna deu-me a entender que se sentia muito satisfeita por o estar a utilizar porque conseguia pegar no arco como devia e que em casa, como não o tirava, já se sentia mais confiante a tocar ao não estar sempre atenta à mão para ver se estava direita ou não. A maior dificuldade da aluna, era exatamente a postura da mão direita, mais precisamente o dedo indicador e o mindinho.

O aluno E estudava no 3º ano de iniciação e na altura em comecei a minha intervenção, o professor cooperante pediu-me que abodasse a Escala de RéM com os arpejos, pois ao nível da mão esquerda, o aluno tinha dificuldade em perceber a dedilhação e articular bem os dedos, acabando por se ouvir um som desengonçado e misturado. Para auxiliar neste aspeto, realizavam-se exercícios e estudos do livro *O meu primeiro livro de Violino*, que eram executados muito devagar e repetindo cada dedo várias vezes e com ritmos diferentes, de maneira a trabalhar a articulação. Ao nível da mão direita que o aluno tinha, ainda, dificuldade em alternar o arco entre a corda Lá e a Ré, as cordas do meio, com menos inclinação entre elas, e por isso era complicado não tocar numa sem tocar na outra. Para ultrapassar esta barreira, tocava peças do livro *Suzuki Method I*, que incidissem nas cordas Lá e Ré, nomeadamente o *Perpetual Motion in D major*, com variação, o *Allegretto*, e o *Andantino*. Como se

estava a aproximar a audição de Carnaval, durante quase todas as aulas também tocava a peça *Long Ago*.

Relativamente à pega do arco e ao acessório *Bow Hold Buddies*, o aluno colocava sempre o dedo mindinho esticado, e isso provocava-lhe uma grande tensão na mão. Com a utilização do acessório, o aluno afirmava que a sua principal dificuldade era manter o mindinho redondo, e que tinha sempre a tendência para o colocar esticado, e isso fazia com que a mão lhe doesse muito pouco tempo depois de começar a estudar. Com a utilização do acessório, o aluno disse que o peixe “obrigava-o” a colocar o mindinho corretamente, e que quando alguma vez tentava esticá-lo não conseguia por causa da fenda que o acessório tem. Assim, considerou a experiência positiva, e disse que estava a gostar muito de o utilizar.

A aluna J, tinha iniciado a aprendizagem do violino no presente ano letivo, e ainda apresentava bastantes dificuldades a nível de postura e colocação da mão direita. A mão esquerda não foi abordada inicialmente, até que a aluna dominasse razoavelmente a posição da mão direita. Assim as aulas lecionavam baseavam-se em exercícios com cordas soltas do livro *O meu primeiro livro de Violino*, que consistiam em alternar as cordas de modo a que a aluna interiorizasse a posição do cotovelo e a tensão que deveria ser exercida em cada uma das cordas.

Esta aluna começou a sua aprendizagem já com o acessório colocado, tendo apenas tentado pegar no arco sem ele uma única vez e depois da explicação sobre como e pega se processava a aluna não conseguia pegar de maneira nenhuma. Logo após a colocação do acessório a mão ficou na posição correta e ao longo da experiência foi-me transmitindo sentimentos de satisfação e conforto e afirmava que tinha muita sorte em poder utilizar o acessório logo que começou a aprender, se não ia ser muito difícil conseguir pegar no arco.

Para a mão direita ser explorada, recorria-se aos exercícios do livro referido anteriormente, que trabalhassem diversos ritmos, tais como *Sa-po, Ca-va-li-nho Sal-ta, Ser-pen-te Cas-ca-vel*, de modo a que a mão se fosse habituando a controlar o arco.

Quando a postura da mão e do cotovelo já parecia razoável começamos a introduzir o primeiro dedo nas cordas, utilizando uma peça improvisada pelo professor cooperante, *a canção do Mi-Lá*, em que apenas se tocava nas cordas Lá e Mi e se colocava o primeiro dedo em cada uma. Abordando o primeiro dedo, executava peças com *As pombinhas da catrina*, que a aluna tocava uma parte muito mais fácil e eu tocava a melodia no piano ou no violino, por exemplo.

4.5. Estratégias aplicadas na intervenção pedagógica

Na fase de observação de aulas, enquanto conhecia cada aluno individualmente, e também as suas características e dificuldades, tirei fotografias à posição da mão direita no arco, para poder comparar, posteriormente, na colocação do acessório e na sua retirada. Assim, conseguiria perceber melhor a evolução do aluno, e se realmente foi benéfica a sua utilização. Por outro lado, entre pausas (durante as aulas) que a professora fazia, perguntava qual a maior dificuldade que sentiam na aprendizagem do violino, e pedia para que me explicassem o porquê de sentirem essa dificuldade. Para que os alunos percebessem porque estava a assistir às aulas, e em que consistia o meu trabalho, conversava com eles sobre a aprendizagem de um instrumento como o violino, perguntava-lhes se pudessem ter algo que os ajudasse a aprender melhor se gostariam de utilizar e se se sentiriam mais motivados para estudar. Durante esta fase, apesar de constatar que todos tinham problemas na pega do arco, percebi que, obviamente, os que estavam no 1º e 2º anos de iniciação apresentavam mais dificuldade na pega do arco, e conseqüentemente, senti que os alunos desses anos estavam mais desanimados e desmotivados durante as aulas e eram os que estudavam menos em casa, relativamente ao 3º e 4º anos.

Durante o processo de observação encomendei um grande número de acessórios – apesar de só aplicar em 5 alunos do conservatório quis também experimentar com os alunos a quem eu já lecionava antes do estágio. Assim, mesmo que não pudesse utilizar certas informações para o relatório, se tivesse um bom resultado os meus alunos poderiam usufruir disso. Depois de começar o estágio no Conservatório, reconheço que tive imensa sorte com a professora que me acompanhou, e quem devo imenso, por me dar a oportunidade de aprender imenso todos os dias, e por ser um ser humano tão acessível. Ciente de que a opinião relativamente à utilização de acessórios era muito particular de cada professor, fiquei muito satisfeita pela professora não ser contra essa utilização e me ter dado a liberdade de explorar da melhor maneira possível o meu tema.

Enquanto discutíamos sobre os acessórios, também cheguei à conclusão de que a professora, tal como eu, também preferia introduzir, primeiramente, a mão direita e o arco, com recurso a apenas cordas soltas, e manter-se nesse elemento até que o som do aluno fosse limpo e claro e, então depois, começar a explorar a mão esquerda. Mais um aspeto que me deixou muito motivada para poder explorar o que acreditava. Antes de entrar na parte de intervenção, em que colocava então o acessório, mostrei-o e expliquei para quê que servia, e qual a função de cada parte, para que não fossem apanhados de surpresa, nem ficassem confusos quando colocasse algo novo no arco. Após a

demonstração do acessório, a maioria dos alunos ficou impressionado quando o viu, pediram para lhe pegar e perguntavam de quê que era feito e como é que aquilo os iria ajudar a tocar melhor.

Como o meu projeto consistiu em aplicar o acessório e, posteriormente, retirá-lo e comparar a pega do aluno antes e depois da aplicação, as aulas que lecionei, durante o período de intervenção, decorreram de acordo com o programa que a professora estava a seguir no presente ano letivo. Assim, durante a intervenção pedagógica dialogava com os alunos sobre o acessório, para perceber como se estavam a adaptar, se sentiam alguma diferença desde a sua colocação, se facilitava a pega do arco ou não, se a aprendizagem do instrumento era mais produtiva, e se o acessório lhes dava mais motivação para estudarem o instrumento.

Como o acessório em questão é constituído por duas partes - o sapo, que divide o dedo indicador do dedo do meio, e o peixe, onde o aluno deve colocar o dedo mindinho, e tendo sido colocado o acessório completo no início da intervenção, de forma a explicar aos alunos a importância do sapo e do peixinho (em conjunto), em algumas aulas retirava uma das partes e deixava os alunos pegarem no arco, para verem a diferença da pega. Quando era retirado *o sapo* alguns alunos não sabiam como separar o dedo indicador do médio, e afirmavam que deixavam de sentir um grande apoio sem o sapo (peça que acaba por preencher o espaço necessário entre o indicador e o médio). Já quando retirava *o peixe*, a maioria dos alunos, em vez de colocar a ponta do dedo mindinho e redondo em cima do arco, colocava o dedo da mesma maneira que os restantes, a envolver o arco, e assim perdiam automaticamente o controlo do arco; outros alunos esticavam o dedo para conseguirem, de alguma maneira, ter controlo no arco, mas isso acrescentou logo uma grande tensão na mão que não era desejada.

A peça do sapo era mais facilmente compreendida pelos alunos, mas muitos me questionavam o porquê de o dedo mindinho ter de estar redondo e o ponto de contacto com o arco ser apenas a ponta do dedo. Assim, fazia um exercício em que tinham de colocar, por ordem, o polegar e o dedo indicador, o polegar e o dedo médio, o polegar e o dedo anelar, e por fim, o polegar e o dedo mindinho (redondo). Enquanto o exercício decorria, os alunos apercebiam-se que até colocarem o polegar e o último dedo, o arco inclinava-se rapidamente no sentido vertical; quando colocavam o polegar e o dedo mindinho, o arco mantinha-se na posição horizontal. Assim, os alunos entenderam a razão pelo qual aquele dedo tinha de ter aquela posição específica; basicamente é o dedo que sustenta o peso do arco. Com estes elementos abordados durante as aulas de intervenção os alunos conseguiram compreender

como aquele acessório poderia ajudá-los a consolidar melhor a posição correta da mão direita, mas obviamente que dependia sempre de aluno para aluno.

A intervenção foi dividida em duas partes: esclarecimento e colocação do acessório no arco de cada aluno, e no final do ano letivo, após a retirada do mesmo, um questionário para perceber a opinião dos alunos sobre o acessório e se consideram ter sido benéfico ou não a sua utilização.

De todos os alunos que intervieram no projeto, apenas um não utilizou o acessório completo, só usou *o peixe*. Quando coloquei as duas partes, o aluno não se sentiu confortável com *o sapo*, dizendo que era demasiado grande para a mão dele e que o incomodava. Assim, retirou-se o *sapo* e ficou *o peixe*, parte que pretende que o dedo mindinho fique redondo. Os restantes acharam, à primeira vista, que o acessório era muito confortável e “giro” e foi notório como após pegarem no arco depois da colocação a posição da mão ficou logo correta e concordaram todos que o arco parecia mais leve.

Os alunos permaneceram com o acessório durante cerca de 4 meses (desde finais de janeiro/início de fevereiro a finais de maio/início de junho, dependendo da data da chegada dos acessórios), e desde que o colocaram não o retiraram mais, nem para estudar em casa, pois só com uma utilização permanentemente, o resultado poderia ser viável e mais concreto.

Após os 4 meses de utilização o acessório foi retirado e atingiu-se, então, a fase final da intervenção, em que se verificou se o acessório tinha de facto resultado. Assim, já com o arco sem o acessório foi pedido a cada aluno que pegasse no arco e descrevesse o que sentia; enquanto o aluno processava toda a informação e se apercebia da mudança, eu avaliava como estava a pega do arco. Dos 5 alunos que fizeram parte deste projeto, 4 manifestaram uma opinião muito positiva quando pegaram no arco pela primeira vez depois de utilizarem, durante 4 meses, o acessório; o reparo que fizeram foi que a primeira vez que pegaram sentiram que deixaram de ter o apoio que tinham (que era facultado pelo *sapo*), disseram que o sapo preenchia o espaço que era necessário para a pega ser executada de maneira correta, mas que se sentiam confortáveis na mesma e que “parecia que pegar no arco agora era fácil” (aluno do 1º ano de iniciação). O 5º aluno que fez parte do projeto não manifestou uma opinião nem positiva nem negativa; este apenas usou o *peixe*, pois sentia-se desconfortável com o *sapo*. Assim, disse que o *peixe* tinha ajudado sim a colocar bem o dedo mindinho, redondo, como era necessário, mas que para além disso não tinha sentido muita diferença.

Na minha opinião, o resultado foi bastante positivo. Notou-se que, desde a colocação do acessório, até à sua retirada a pega do arco foi consolidada, pois após a intervenção os alunos pegaram no arco de maneira correta e sem dificuldade em colocar os dedos. Obviamente que o 5º aluno não teve uma evolução tão notória, pois a parte mais difícil da pega é a separação do dedo indicador e do dedo médio e, como o aluno não utilizou essa parte, é natural que o resultado tenha sido diferente dos restantes colegas. Mas, no geral, fiquei bastante satisfeita com o resultado final e sentir que realmente poderia ser benéfico para eles fez-me acreditar, ainda mais, na utilização de certos acessórios como auxiliares na aprendizagem de um instrumento.

Depois de terminada a intervenção do acessório, seguiu-se um questionário em que cada um poderia expressar a sua opinião em relação a esta experiência.

CAPÍTULO 5. ANÁLISE DE RESULTADOS

De modo a, no final do ano letivo, conseguir perceber melhor a evolução do aluno, comparando o antes e depois, tirei fotografias à posição da mão direita no arco, antes da aplicação do acessório. As fotografias tiradas (fig.5) demonstravam a dificuldade inicial dos alunos em colocar a posição correta no arco. As principais dificuldades eram colocar o indicador relaxado e não demasiado dobrado no arco, e meter o último dedo (mindinho) redondo e não esticado. Estas limitações revelavam, imediatamente, o desconforto na pega do arco e a tensão exagerada da mão, que provocava dores e cansaço.

Uma vez introduzido o *Bow Hold Buddies*, a opinião inicial foi, no geral, foi bastante positiva; disseram rapidamente que apesar de ser estranho, primeiramente, era bastante confortável, especialmente o *sapo* porque preenchia o espaço que lhes falta para conseguirem manter uma pega relaxada, mas firme. Não retirando o valor ao *peixe*, o *sapo* cativou-lhes a atenção desde o início, mas mal colocaram o dedo mindinho no lugar pretendido, perceberam imediatamente que aquela parte também ajudava bastante a manter o arco controlado, sem que ele andasse de um lado para o outro. Dos cinco, um aluno sentiu-se desconfortável logo após pegar no arco, afirmando que o *sapo* era muito grande e que o magoava entre os dedos; assim, optamos por manter apenas o *peixe*, que acabou por ser o mais indicado para o aluno, pois o seu dedo mindinho tinha tendência para estar sempre esticado, e não redondo. Este exemplo também me permitiu questionar se o acessório teria um tamanho universal ou se haveria mais opções, mas verifiquei que só havia o universal. Felizmente, com os restantes alunos não tive esse problema e todos se sentiram confortáveis com ambas as partes.

Durante a utilização do acessório tirei fotografias à mão dos alunos, para perceber a diferença entre a posição da mão antes da aplicação e durante (fig.6). As fotografias revelam uma posição da mão bastante relaxada, correta e confortável da pega do arco; o dedo indicador estava de maneira correta (não demasiado dobrado), e o mindinho também ficava redondo.

Após 4 meses de utilização, o acessório foi retirado a todos os alunos e a última fase do meu projeto seria, então, verificar se a posição da mão direita se manteria na falta do acessório, ou se voltariam à fase inicial, em que a maioria não conseguia pegar no arco. Se assim fosse, o acessório não era benéfico, pois causaria dependência e o objetivo não era, de todo, esse. Para o meu grande contentamento, quando retirei o acessório a pega dos alunos manteve-se tal e qual como quando o utilizavam. Já esperava que a reação dos alunos fosse de estranheza, pois tiveram um objeto no arco

durante meses e era normal que pudesse provocar um desconforto inicial, mas durante as aulas que se seguiram os alunos estavam muito confiantes a utilizar o arco e com uma pega bastante relaxada.

Posteriormente à retirada do acessório, tirei fotografias à posição da mão dos alunos, (Fig. 7) para conseguir perceber, comparando com as fotos antes da colocação e durante a utilização, se a pega se mantinha sem o acessório. Concluí que, mesmo com algum desconforto inicial, os alunos se sentiram satisfeitos ao pegarem no arco, e que a posição da mão, felizmente, se mantinha como se tivessem o acessório.

Os alunos que integraram o projeto, apesar de serem novos, entregaram-se logo ao tema e ficaram muito interessados com o acessório; faziam imensas perguntas sobre para quê que se utilizava, se ia ajudá-los a tocar melhor, se podiam ficar com ele... por isso tenho de lhes agradecer imenso, também, por todo o empenho e sinceridade demonstrados ao longo de todo o ano letivo; as crianças não têm filtros, por isso não poderia esperar outra atitude da parte deles.



Fig. 5- Posição da mão antes da aplicação



Fig. 6- Posição do acessório durante a utilização



Fig. 7- Posição da mão depois da retirada do acessório

5.1. Análise do questionário

Nesta secção são analisados os resultados do questionário aplicado aos 5 alunos intervenientes no projeto, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, com o qual se pretendia saber a opinião de cada aluno sobre o acessório e a sua utilização ao longo de 4 meses, bem como perceber se o acessório foi benéfico, se o recomendariam aos outros colegas, por notarem diferença após a sua utilização e averiguar, também, o que os alunos sentiram em relação ao acessório, durante o projeto- se era confortável, se consideravam a pega do arco mais acessível, se o som produzido recorrendo ao acessório era melhor ou não. Através do questionário procurou entender-se as dificuldades sentidas pelos alunos na aprendizagem do violino, compreender a atenção prestada a cada elemento técnico durante o estudo em casa, e se tinham noção das dificuldades mais enquanto estudavam.

No questionário aplicado começou por se perguntar aos alunos intervenientes o género e a idade (Questão 1, anexo I / Questão 2, anexo I). Relativamente ao género, 4 dos alunos eram raparigas e apenas 1 era rapaz; no que respeita à idade, 4 alunos tinham idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos e apenas 1 entre os 8 e os 10 anos. (cf. Gráfico 8 e 9)

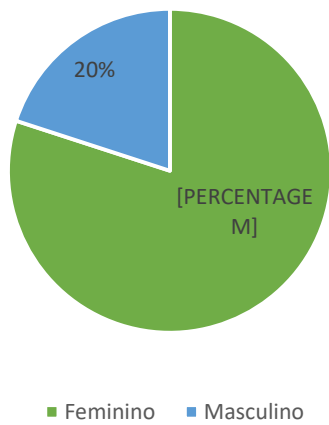


Gráfico 8- Respostas à questão: "Género"

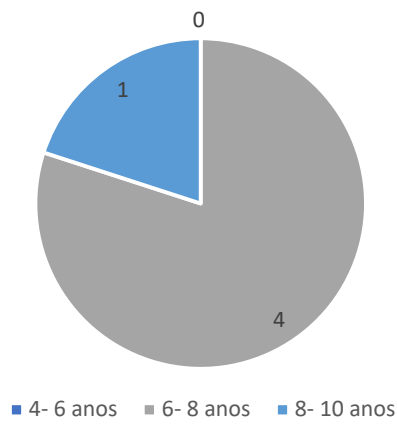


Gráfico 9- Respostas à questão: "Idade"

Na pergunta seguinte pretendia saber-se há quanto tempo os alunos estudavam violino (Questão 3, anexo I). As respostas obtidas indicaram que, 2 alunos encontravam-se no 1º ano, outros 2 estavam entre o 1º e 2º anos, e 1 aluno entre 2º e 3º anos. Pelo que, nenhum aluno era finalista. (cf. Gráfico 10)

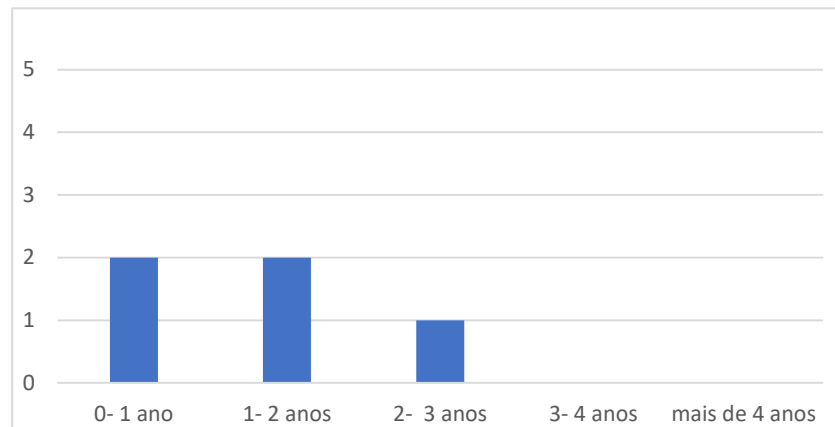


Gráfico 10- Respostas à pergunta: "Há quanto tempo estudas violino?"

Quando questionados acerca do seu gosto pelo instrumento (Questão 4/ 4.1. anexo I) todos os alunos responderam afirmativamente. As justificações apresentadas por todos surpreenderam-me bastante, dado que uns afirmavam que o violino produzia um som bonito e era divertido de tocar e outros acrescentaram que adoravam o arco e que se sentiam inspirados quando tocavam. Sendo o violino, na minha opinião, um instrumento que não desperta muita curiosidade quando experimentado, não pude deixar de ficar surpreendida por o considerarem interessante e inspirador. (cf. Gráfico 11)

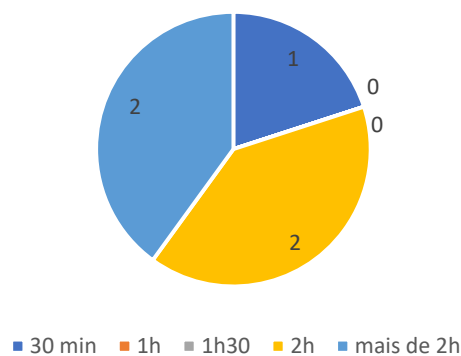


Gráfico 11- Respostas à questão: "Quanto tempo estudas por semana?"

As questões seguintes foram direcionadas ao estudo dos alunos, procurando saber se faziam, ou não, um estudo regular e sistemático. Assim, inquiria-se se estudavam todos os dias ou regularmente, quanto tempo por dia/semana, se estabeleciam objetivos para cada sessão e se programavam o seu estudo diário/semanal. Destas questões, foi possível apurar que (Questão 5, anexo I), 1 aluno estudava 30 min, 2 alunos estudavam 2h e 2 alunos estudavam mais de 2h. Isto é

indicador de que há quem se dedique bastante, talvez por já estudar há mais tempo, e há quem estude pouco, por, eventualmente, ter começado há menos tempo. Isso faz-me questionar se, o tempo dedicado ao instrumento, numa fase inicial, se pode refletir na evolução do aluno. Apesar de serem crianças, até que ponto uma maior dedicação não poderia trazer uma evolução mais rápida e consistente na aprendizagem do violino? E será que, independentemente do tempo de estudo, esse é feito com seriedade e são estabelecidos objetivos? Questões para as quais procurei obter resposta ao longo do questionário. (cf. Gráfico 12)

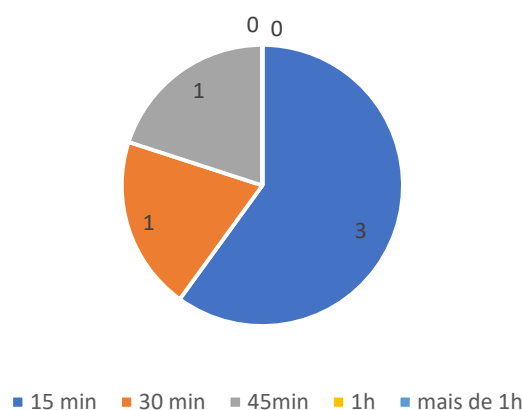


Gráfico 12- Respostas à pergunta: "quanto tempo estudas por dia?"

Daí que, quando questionados se estudavam todos os dias (questão 6, anexo I), 4 alunos tenham respondido que sim e 1 aluno tenha respondido que não. E, na questão sobre o tempo do estudo diário (Questão 7, anexo I), percebe-se que os 15 min diários são a resposta mais apontada, havendo 1 aluno que estuda 30 min e outro que estuda 45 min. A opção de 1h ou mais de 1h não foi selecionada. Como a maioria dos alunos que integraram este projeto se encontravam no 1º e 2º anos de iniciação, os 15 min podem ser uma resposta aceitável. Provavelmente, os 45 min serão praticados pelo aluno do 3º ano.

Nas questões relativas à programação do seu estudo semanal/diário (Questões 8/9), apenas 1 dos alunos inquiridos respondeu que não programava o seu estudo, quer diário, quer semanal, o que demonstra que há um empenho notável em tentar estudar de maneira correta, focando-se nos aspetos que têm de melhorar.

Quando questionados em relação ao estabelecer de objetivos, em cada sessão de estudo (questão 10), todos os alunos responderam afirmativamente, o que realça, mais uma vez, a

importância que estes alunos atribuem a um estudo programado, que incida sobre as suas dificuldades e em que são estabelecidos objetivos, que visam a evolução de cada um como instrumentistas.

De forma a compreender a importância que os alunos atribuíam a cada elemento técnico enquanto estudavam, foram questionados (Questão 11, anexo I) sobre a atenção que prestavam aos elementos como a postura, a posição da mão direita e da mão esquerda, assim como a afinação. Pediu-se que selecionassem o grau de atenção, em que o 1 correspondia a “muito pouca”, o 2 a “pouca”, o 3 a “alguma” e o 4 a “muita”. Relativamente à postura, os alunos A, C e D identificaram o 3º grau (“alguma”) e os alunos B e E o 4º grau (“muito”). Com isto podemos ver que, a maioria dos alunos presta “alguma” atenção à postura. No que concerne à mão direita, os alunos A, C e E atribuíram o 3º grau de atenção, “algum”, e os alunos B e D escolheram o 4º grau, ou seja, prestavam “muita” atenção à mão direita. Assim, tal como na postura, a maioria dos alunos tinha “alguma” atenção à colocação da mão direita. À mão esquerda, o aluno A atribuiu o 2º grau de atenção (“pouca”), os alunos B e E escolheram o 3º grau e os alunos C e D optaram pelo 4º grau. Pela primeira vez, um aluno considerou que prestava “pouca” atenção a um dos elementos, neste caso a mão esquerda, e os restantes 4 prestavam “alguma” ou “muita” atenção. Em relação à afinação, os alunos A, B e D atribuíram o 3º grau, o aluno C optou pelo 4º grau, e o aluno E optou pelo 2º grau. Assim, pelas respostas dos alunos, a afinação é o elemento a que menos prestavam atenção durante as suas sessões de estudo. (cf. Gráfico 13)

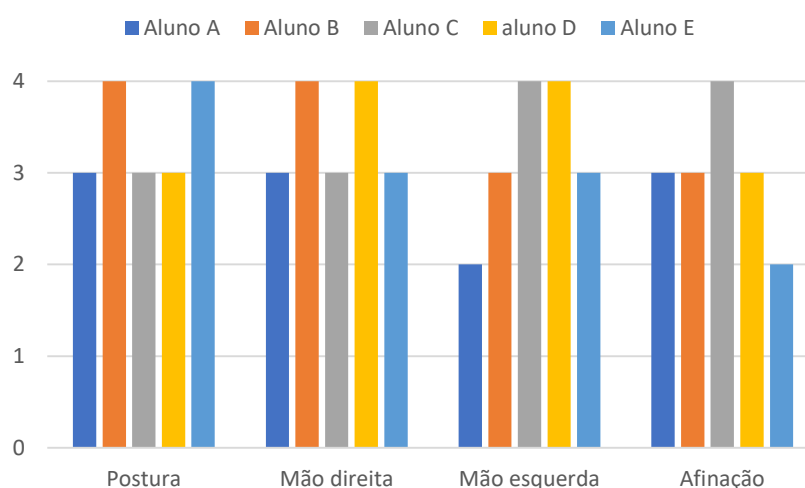


Gráfico 13- Respostas à pergunta: “Quando estudas, quanta atenção prestas a estes elementos?”

Quando questionados qual dos elementos consideravam mais difíceis ou mais fáceis (Questão 12, anexo I), o aluno A, considerou a postura “difícil”, a mão direita “fácil”, a mão esquerda “muito

difícil” e a afinação “fácil”. O aluno B considerou a postura “muito fácil”, a mão direita “fácil”, a mão esquerda “difícil” e a afinação “muito difícil”. O aluno C escolheu para a postura, o grau “difícil”, para a mão direita “fácil”, para a mão esquerda “difícil” e para a afinação “muito difícil”. O aluno D considerou a postura “fácil”, a mão direita “difícil”, a mão esquerda “difícil” e a afinação “fácil”. O Aluno E considerou a postura “difícil”, a mão direita “muito difícil”, a mão esquerda “difícil” e a afinação “fácil”. (cf. Gráfico 14)

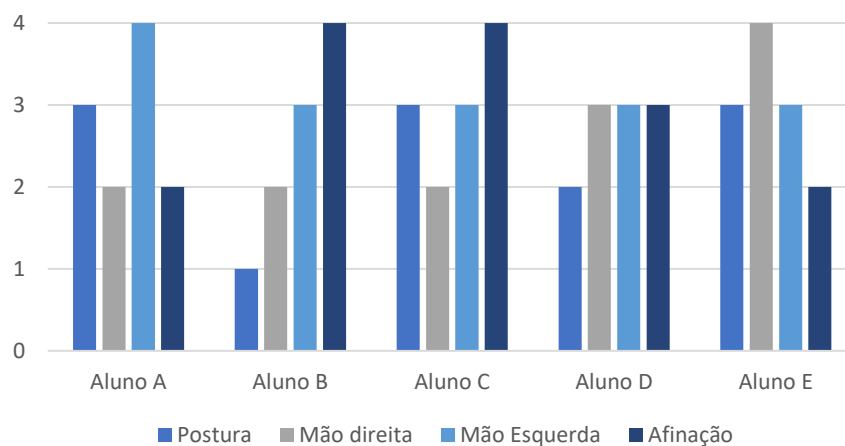


Gráfico 14- Respostas à questão: “Classifica estes elementos relativos ao violino por ordem de dificuldade?”

Na medida em que, alguns alunos consideravam a postura mais fácil, outros mais difícil, a mão esquerda difícil ou mais difícil, a mão direita fácil, difícil, ou muito difícil e a afinação mais fácil ou mais difícil, foi possível concluir que, a atribuição da dificuldade em cada elemento técnico que foi abordado, variou de aluno para aluno. Como este questionário englobou os alunos entre o 1º e o 4º anos de iniciação, a atribuição do grau de dificuldade pode ser reflexo disso, uma vez que é expectável que a dificuldade atribuída a cada elemento diminua relativamente ao aumento do número de anos.

Quando questionados (Questão 13, anexo I) se ao pegar no arco se sentiam confortáveis, 4 alunos responderam que se sentiam “mais ou menos” confortáveis, e 1 aluno respondeu que “não”. Pelo que se depreende que o manuseamento do arco é um elemento preocupante para todos os alunos.

E, quando se perguntou (Questão 14, anexo I) o que lhes custava mais quando pegavam no arco, 4 alunos optaram pela resposta de “colocar a mão de maneira correta” e 1 aluno respondeu que era “o peso dele”. As respostas dos alunos vieram confirmar uma das minhas suspeitas iniciais relativas a este projeto, a de que o manuseamento correto do arco constitui um aspeto difícil e gerador de alguma confusão na aprendizagem inicial do violino.

Num dado momento do questionário, as questões começaram a direcionar-se mais especificamente para o acessório *Bow Hold Buddies*. Quando questionados (Questão 15, anexo I) se conheciam o acessório que lhes foi apresentado, a resposta foi, em todos, negativa.

Relativamente à opinião de cada um sobre o acessório, no momento em que lhes foi apresentado (questão 16), as perspetivas foram muito divergentes. Releva que o aluno A respondeu que achou o acessório “muito estranho e que tinha um cheiro esquisito, mas era giro”; o aluno B achou “(...) engraçado”; o aluno C afirmou que “(...) o acessório me ajudava mais”; o aluno D sentiu “(...) que ia ser mais fácil”, e o aluno E considerou o acessório “(...) bonito”.

Como o objetivo era que o acessório fosse utilizado de maneira permanente, até ordem em contrário, foi-lhes perguntado se em casa o utilizavam sempre. A esta questão (17, anexo I) todos os alunos responderam que estudavam sempre com o acessório, e como foi algo pedido por mim não fiquei surpreendida, mas sim tranquila.

Acerca de como se sentiram após a colocação do acessório no arco (Questão 18, anexo I), 3 alunos responderam que se sentiam “muito bem”, e 2 alunos responderam que se sentiam de modo “razoável”. Felizmente nenhum aluno respondeu que não se sentia “nada bem”, o que me deixou confiante, no que diz respeito ao conforto que considero que o acessório proporciona. Quando se lhes pediu, depois (questão 18.1), para que justificassem a opção escolhida, enquanto o aluno A, respondeu que “(...) se sentia bem”, o aluno B referiu que “ (...) não era muito confortável para o dedo indicador”, o aluno C considerou que “ (...) a mão ficou mais confortável”, o aluno D mencionou que “ (...) ajudou-me a corrigir os dedos”, e o aluno E salientou que “(...) era mais fácil pegar no arco”. (cf. Gráfico 15)

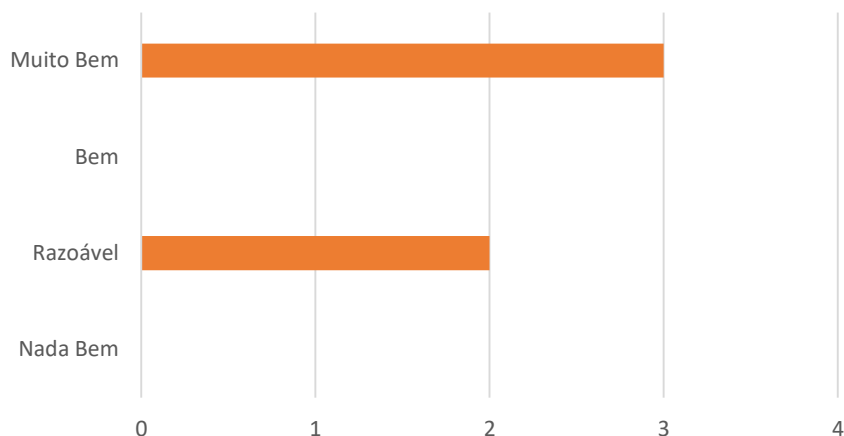


Gráfico 15- Respostas à questão: "Depois de colocar o acessório no teu arco como te sentiste?"

Nas questões seguintes procurou perceber-se se o acessório estava a ter uma utilização benéfica e positiva, na opinião dos alunos. Deste modo, foram questionados (Questão 19, anexo I) se achavam que o acessório os tinha ajudado a pegar melhor no arco. Resultou que, 3 alunos consideraram que o acessório os ajudou, "sim", a pegar melhor no arco, e dois alunos consideraram que os ajudou "mais ou menos". (cf. Gráfico 16) Na questão seguinte (Questão 20, anexo I), foi-lhes perguntado se consideravam tê-los ajudado a tocar melhor, a que 4 alunos responderam que "sim", que os ajudou a tocar melhor e 1 aluno respondeu "mais ou menos". As respostas obtidas agradaram-me, por saber que eles se tinham sentido bem e que consideravam que o mesmo contribuiu para melhorar o seu desempenho, bem como a sua motivação para aprender o instrumento. (cf. Gráfico 17)

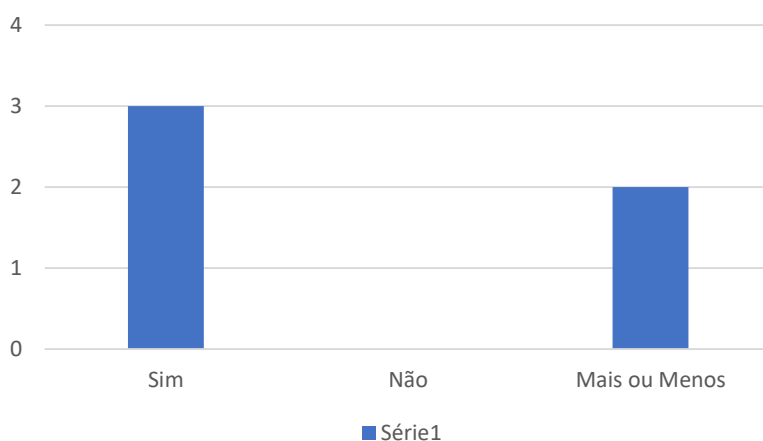


Gráfico 16- Respostas à questão: "Achas que te ajudou a pegares melhor no arco?"

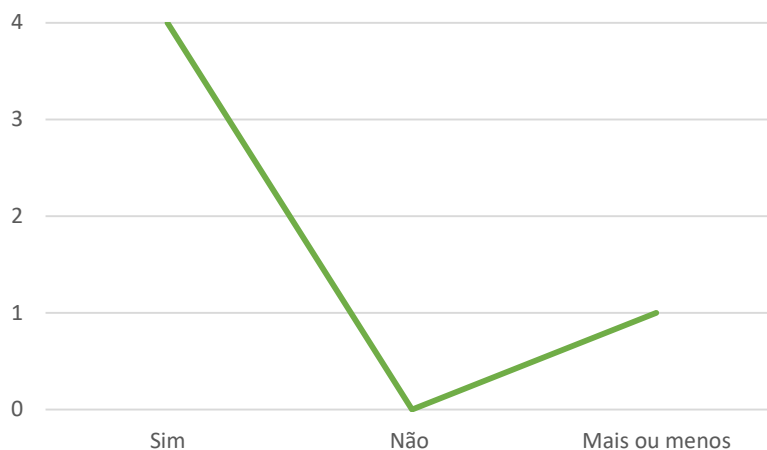


Gráfico 17- Respostas à questão: "Achas que te ajudou a tocares melhor?"

Quando se procurou saber (Questão 21, anexo I), se pegar no arco com o acessório tinha sido mais fácil, a resposta "não" dada por um aluno, surpreendeu-me, porque foi a primeira critica negativa que recebi sobre o acessório, mas por outro lado, fiquei mais confiante por 3 alunos terem respondido que com o acessório foi mais fácil pegar no arco e 1 aluno ter referido que foi "mais ou menos" fácil. (cf. Gráfico 18)

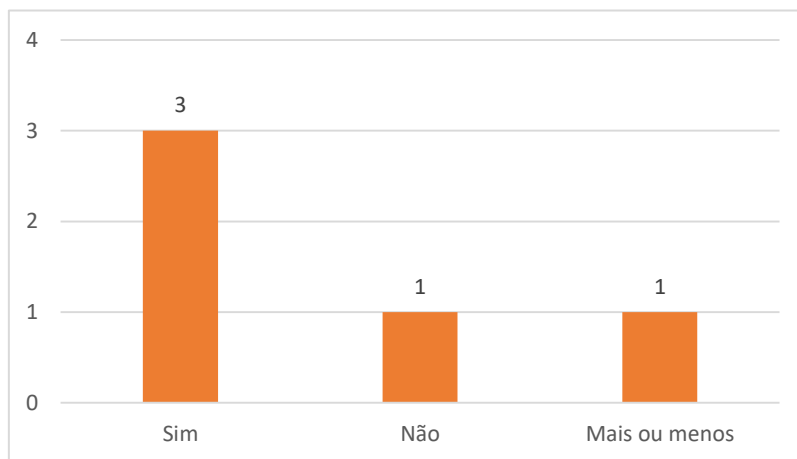


Gráfico 18- respostas à questão: "Pegares no arco com o acessório foi mais fácil?"

Relativamente ao som produzido desde a aplicação do acessório, os alunos foram questionados (Questão 22, anexo I) se sentiam que o seu som era ou tinha ficado mais bonito com a utilização do mesmo e porquê (questão 22.1.), a que 1 aluno respondeu que "não" tinha notado diferença no som produzido com a utilização do acessório. Por outro lado, 1 aluno respondeu que tinha

notado que o seu som era/ficou “mais ou menos” bonito com acessório, e 3 alunos responderam que o som era/ficou “mais bonito” com o acessório. Relativamente ao porquê, o aluno A respondeu que “(...) era muito giro e dava alegria ao violino”, o que me deu a entender que o facto de dar alegria ao violino se refletia em motivação e o levava a estudar mais; o aluno B respondeu que como “(...) não usei o acessório completo” não tinha sentido alterações no som; o aluno C considerou que a sua mão “(...) ficou mais confortável”, o aluno D sentiu que “(...) o som é igual”, e o aluno E respondeu que era “(...) mais fácil tocar violino com o acessório”. (cf. Gráfico 19)

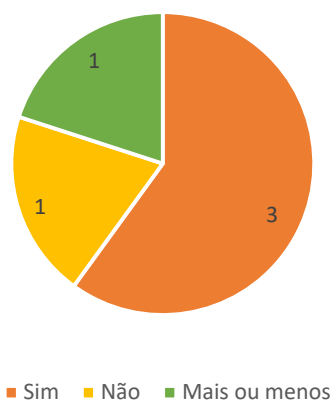


Gráfico 19 – Respostas à questão: “Sentes que o teu som é/ficou mais bonito com o acessório?”

Quando questionados se sentiam que era mais fácil tocar violino (Questão 23), 4 alunos consideraram que era mais fácil tocar violino com o acessório, e 1 aluno considerou que era “mais ou menos” fácil tocar violino com o acessório. De forma a perceber a opinião dos alunos foi pedido (questão 23.1) a cada um que justificasse a sua pergunta. Assim, o aluno A respondeu que “(...) o sapinho e o peixinho ajudaram-me a tocar melhor o violino”, o aluno B respondeu que se devia ao facto de “(...) às vezes sou distraída”, o aluno C achou que “(...) me ajudou a por a mão direitinha”, o aluno D “porque os dedos não estão sempre a cair”, e o aluno E respondeu que “(...) pegar no arco é mais fácil”.

Seguidamente, pretendia-se perceber como caracterizavam o acessório *Bow Hold Buddies*, e nesta questão (Questão 24, anexo I) tentou-se apelar à imaginação deles, dando opções mais fáceis e adaptáveis à idade deles, “brincando” com alguns adjetivos para que não tivessem que refletir demasiado sobre o acessório e dessem respostas mais espontâneas. Assim, também, foi possível escolher mais do que uma opção, consoante a vontade dos alunos. Felizmente, nenhum aluno achou o acessório feio, o que é bom, pois a parte visual tem um papel fundamental nestas idades. As restantes

respostas foram as seguintes: a característica “prático” foi selecionada por 4 vezes, o “divertido”, “bonito” e “útil” foram selecionados 3 vezes. (cf. Gráfico 20)

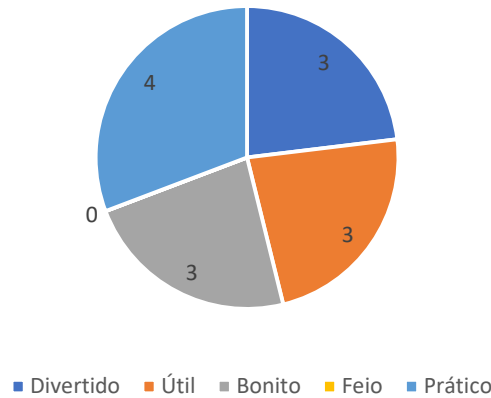


Gráfico 20- Respostas à questão: “Como caracteriza o Bow Hold Buddies?”

A questão seguinte (Questão 25, anexo I) era das mais importantes, pois foram questionados se recomendariam o acessório a outros colegas, ou seja, se realmente tivesse sido benéfico iriam recomendá-lo, se não, não o recomendariam. Assim, 4 alunos responderam convictamente que sim e 1 aluno respondeu que não. (cf. Gráfico 21)

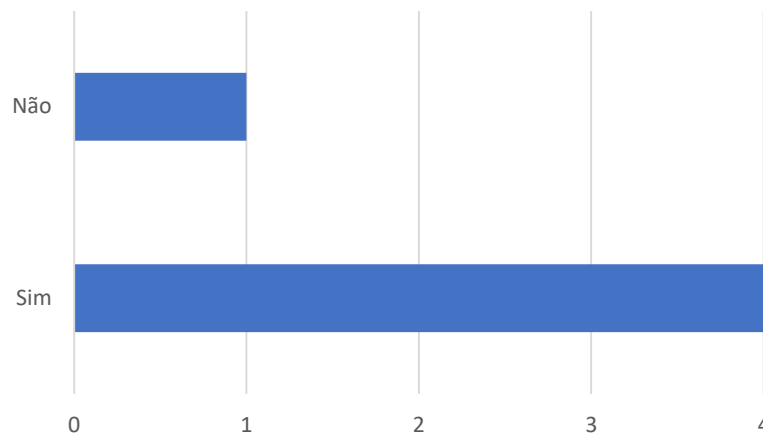


Gráfico 21- Respostas à questão: “Se outras crianças tivessem a oportunidade de utilizar o acessório recomendava-lo?”

Quando questionados (Questão 25, anexo I), se desde que começaram a utilizar o acessório passaram a gostar mais do instrumento, as respostas deixaram-me satisfeita, pois além de acreditar que o acessório tenha feito diferença na aprendizagem deles, durante os 4 meses em que o utilizaram,

fico contente que o seu gosto pelo violino se tenha mantido, dando a entender que, mesmo com as dificuldades que a aprendizagem de um instrumento pode trazer, os alunos gostem de tocar e aprender. (cf. Gráfico 22)

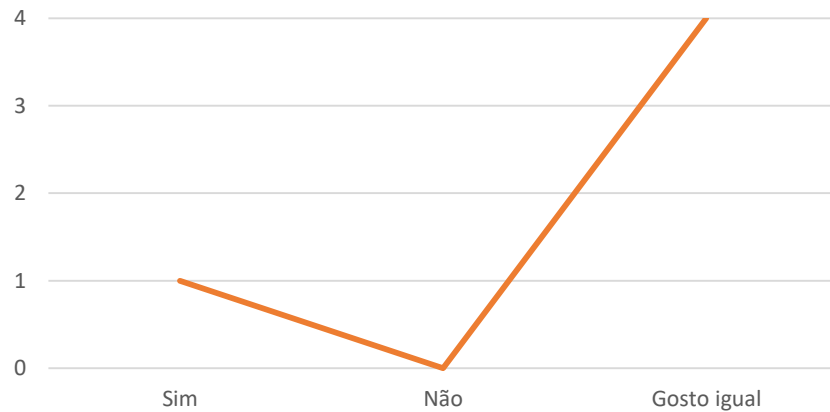


Gráfico 22- Respostas à questão: "Desde que começaste a utilizar o acessório gostas mais de tocar violino?"

O relatório finalizou com a questão fulcral (Questão 27), de saber se tinham considerado o acessório benéfico e 4 alunos responderam que a utilização do acessório tinha sido benéfica para a sua aprendizagem, enquanto 1 aluno respondeu que não a tinha achado benéfica. Assim, apesar do estudo ter sido realizado com um número reduzido de alunos, o facto da utilização do acessório ter contribuído para melhorar o desempenho de 4 alunos, ao provocar alterações positivas na sua aprendizagem, creio poder concluir que os resultados obtidos são satisfatórios e que o acessório constitui um elemento facilitador e, por isso, uma mais valia na aprendizagem do violino.

CONCLUSÃO

Alguns pedagogos, como Galamian, Flesch e Rolland, defendem que, para uma melhor consolidação da aprendizagem violinística, é mais benéfico trabalhar por partes, focar-se durante algum tempo em cada uma, para que os alunos não se sintam tão pressionados a ter de saber tudo de uma vez, porque, de facto, é impossível acontecer; alguma variável acaba por não ficar tão segura, e posteriormente, surgem os problemas técnicos, quando começam a tocar repertório mais complexo e ainda não estão com nível para tal. Assim, reforçam a importância do papel do professor na orientação do aluno, ao defender que uma das coisas essenciais que o professor deve ensinar aos seus alunos é a prática do estudo correto, e que é necessário consciencializar os alunos de que o estudo é uma continuação da aula, um processo de aperfeiçoamento, autoinstrução, no qual, durante a ausência do professor, o aluno é responsável por definir objetivos e supervisionar o próprio trabalho.

O primeiro ano de estudo de um instrumento de cordas, supondo que se inicia entre os 6 e os 10 anos, é um período fulcral no desenvolvimento das habilidades motoras dos alunos. Para Medoff (1999), é determinante que o aluno desenvolva competências de manipulação do seu instrumento e de execução de movimentos coordenados, para se produzir corretamente o som; portanto, o ensino do uso do corpo e dos seus movimentos são parâmetros que devem constar nas aulas de técnica de instrumento. É importante que os alunos conheçam o uso dos movimentos e dos demais componentes do seu corpo, aplicados ao instrumento, antes de iniciarem a fase da pré-adolescência, fase essa onde os maus hábitos se tornam mais profundos.

Um dos erros mais comuns é o uso excessivo de força muscular. Para tocar é preciso alguma tensão e força muscular para executar os movimentos, mas essa tensão e força não deve surgir em demasia ou proveniente de tensões estáticas. É por isso, defendido o ensino do violino por partes, de maneira a que os alunos se foquem num parâmetro de cada vez.

Um dos fatores mais comuns nos métodos de violino e que se considera essencial para uma boa prática do instrumento, tem que ver com a adoção de uma postura correta no instrumento, e as maiores dificuldades centram-se na posição da mão esquerda e na posição da mão direita. No que diz respeito à mão esquerda, a pressão exagerada de qualquer natureza, do polegar ou dos restantes dedos, provoca tensões e restringe a liberdade de movimentos. Relativamente à mão direita, Galamian (1962, p.44) afirma que “o fundamental tem que ver com a adaptação de movimentos naturais do braço, mão e dedos da mão direita à técnica do arco” e baseia toda a técnica da mão no sistema

springs (mola, elasticidade), que tem um componente artificial (elasticidade da crina e flexibilidade da vareta do arco) e outro natural (ombro, cotovelo, pulso e dedos). Se se partir do princípio de que o arco não possui problemas com a flexibilidade nem com a elasticidade, o único fator capaz de comprometer a técnica da mão direita é o componente natural.

Quando se tenta ensinar a pega do arco a um aluno que iniciou a aprendizagem do violino bastante cedo, torna-se complicado explicar que a mão deve estar relaxada, mas não demais, mas também não pode ser rígida, sob a consequência de tocar um som arranhado, porque é exercida demasiada tensão sobre o arco.

Nesse contexto, procurou-se aferir, através do projeto implementado, se o acessório *Bow Hold Buddies* pode contribuir para a aprendizagem da correta da pega do arco, permitindo aos alunos poderem focar-se noutros conceitos.

Para tal, participaram no Projeto, cinco alunos de iniciação, com idades compreendidas entre os seis e os nove anos, que se encontravam entre o primeiro e quarto anos.

A intervenção deste Projeto consistiu na aplicação do acessório *Bow Hold Buddies* no arco de cada aluno e avaliar a diferença demonstrava entre a fase anterior à aplicação, a fase durante a utilização e a retirada do mesmo. Pretendia-se que no final do Projeto a posição da mão na pega do arco estivesse consolidada e que os alunos se sentissem confortáveis sem o acessório a partir daquele momento.

A receptividade dos alunos ao Projeto foi bastante positiva, tendo todos demonstrado bastante interesse pelo acessório, por ser apelativo e algo novo. Os alunos participaram com enorme disponibilidade e dedicação, o que me ajudou imenso a sentir-me confiante de que estava a seguir o caminho certo.

Ao ser retirado o acessório, a posição da mão direita estava completamente correta, sem tensões desnecessárias, e automática, ou seja, logo que lhes devolvi o arco pegaram nele sem qualquer tipo de dificuldade. A execução e postura de todos os alunos era muito mais equilibrada e correta, tanto na pega do arco como no som produzido tinha havido uma significativa evolução, e mesmo a postura, no geral, estava mais confiante, elegante, e demonstrava que, de facto, se sentiam melhor a tocar violino.

Os alunos consideraram ser fácil pegar no arco sem o acessório, referindo apenas que a primeira impressão era de estranheza, pois sentiam que faltava ali qualquer coisa a preencher o

espaço vazio, mas que com o decorrer da aula já se tinham habituado, e começaram a sentir-se confortáveis rapidamente. Apenas um aluno considerou que o *sapo* era desconfortável, e por isso utilizou apenas o *peixe*, que tinha como objetivo corrigir a colocação do dedo mindinho.

Tendo sido realizado um questionário, foram também, por esse meio, obtidos resultados muito satisfatórios. Pretendia perceber se os alunos consideravam que o acessório os tivesse ajudado a colocar a mão corretamente, se era mais confortável pegar no arco, qual a sensação de tocar assim, e se sentiam que o som produzido era diferente, mais audível e harmonioso. No geral, as respostas foram todas de encontro com as minhas expectativas, os alunos tinham sentido diferença ao utilizar o acessório, afirmando que tocar violino era mais fácil, que o som era mais bonito, que pegar no arco era muito mais confortável e, acima de tudo, que recomendavam a sua utilização a outros colegas. Dos quatro dos alunos consideraram a experiência positiva e um aluno considerou que não o ajudou muito, pois não utilizou o acessório completo. A observação dos questionários deixou-me muito satisfeita em relação a esta experiência, pois percebi, através das respostas dos alunos, que o acessório tinha sido benéfico e que a utilização de acessórios na aprendizagem do violino, pode, de facto, motivar os alunos a aprenderem mais e melhor.

Deste modo, na minha opinião, posso afirmar que o objetivo do meu tema foi atingido, por ter influenciado de maneira positiva a evolução dos alunos que estavam a estudar no Conservatório, deixando-os mais motivados e inspirados para continuarem o seu estudo do violino e isso fez-me sentir completamente realizada.

BIBLIOGRAFIA

Auer, L. (1921). *Violin playing as I teach it*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Dover Publications.

Bennell, P. (2004). Teacher motivation and incentives in sub-Saharan African and Asia.

Flesh, C. (1928). *The Art of Violin Playing- Book One*. New York: Carl Fischer.

Flesh, C. (2000). *The Art of Violin Playing*.

Galamian, I. (1962). *Principles of violin playing and Teaching*. United States of America: Library of Wellesley College.

Gordon, E. (2000). Teoria de aprendizagem musical. Fundação Calouste Gulbenkian.

Hoppenot, D. (1991). *El violín interior*. Madrid: Real Musical.

Kaplan (1987). Teoria da aprendizagem pianística. Porto Alegre: Movimento.

Kempler, S. (2003). *How Muscles Learn- Teaching the violin with body in mind*. Alfred Music Publishing.

Medoff, L. (1999). The Importance of Movement Education in the Training of Young Students: The Dienes Project. Medical problems of performing artists.

Nyman, T., Wiktorin, C., Mulder, M., & Johansson, L. (2007). Work postures and neck-shoulder pain among orchestra musicians. *American journal of industrial medicine. Incorporating Environmental and Occupational Health*.

Perkins, M. (1995). *A Comparison of Violin Playing Techniques: Kato Havas, Paul Rolland and Shinichi Suzuki*. Bloomington, Estados Unidos da América: American String Teachers Association.

Pinto, A. (2016). O arco- Contributos Didáticos para o Ensino do Violino. Chiado Editora

Projeto Educativo do Conservatório do Porto. (2020)

Rolland, P., & Mutschler, M. (1974). *The teaching of action in string playing: development and remedial techniques*. Urbana, Illinois: Illinois String Research Associates.

Suzuki, S. e W. Preucil. (2007). *Suzuki Violin School, Vol 1: Violin Part, Book & Cd.* Estados Unidos da América: Alfred Publishing Co.

FONTES DA FIGURAS

Fig. 20:

https://www.google.pt/search?q=Moon+Embassy+Violin+Bow&sxsrf=ALeKk00XvYc9BJldgf9dV92plXHk5pmMVQ:1594083797648&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjy4D0-LnqAhWQ3YUKHa9mCFgQ_AUoAXoECAsQAw#imgrc=6TnlScJpQAaPHM

Fig. 21:

https://www.google.pt/search?q=Virtuoso+Wrist+Practise+Aid-+Violin+and+viola+&tbm=isch&ved=2ahUKEwiOzdZ0-LnqAhUI_RoKHW9lChwQ2-cCegQIABAA&oq=Virtuoso+Wrist+Practise+Aid-+Violin+and+viola+&gs_lcp=CgNpbWcQA1DA5ApYwOQKYMnpCmgAcAB4AIBaYgBaZIBAzAuMZgBAKABAAoBC2d3cy13aXotaW1n&scient=img&ei=18kDX46GCYi6a-QqeAB#imgrc=GkCR0-ekBJxpqM

Fig. 22:

https://www.google.pt/search?q=ABC+Arm-+Bow+Correction&hl=pt-PT&sxsrf=ALeKk03PpDSAR22plwdqeEB8aa5Fp-K70w:1594084248355&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwitzvXK-rnqAhWQy4UKHdufBIkQ_AUoAXoECAsQAw&biw=1366&bih=625#imgrc=cW2DZUfMunlOtM

ANEXO L- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS INTERVENIENTES

Questionário

O presente questionário é relativo ao projeto educativo- *O Bow Hold Buddies na iniciação ao violino no ensino especializado da música*- e enquadra-se numa investigação no âmbito de um relatório de estágio do Mestrado em Ensino de Música, realizada no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Os resultados obtidos serão utilizados somente para fins académicos onde a opinião pessoal deve prevalecer.

O questionário é anónimo. Todas as respostas são válidas, por isso peço que seja respondido com total sinceridade e espontaneidade. Este questionário é destinado a crianças que se encontram na iniciação à aprendizagem do violino, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, por isso a linguagem será bastante básica, de maneira a ser de fácil compreensão.

Obrigada pela atenção e disponibilidade.

1. Sexo:

Feminino	
Masculino	

2. Idade:

4 - 6 anos	
6 - 8 anos	
8 - 10 anos	

3. Há quanto tempo estudas violino?

0 - 1 ano	
1 - 2 anos	
2 - 3 anos	
3 - 4 anos	
+ de 4 anos	

4. Gostas do instrumento que tocas?

Sim	
Não	
Mais ou menos	

4.1. Porquê?

5. Quanto tempo estudas por semana?

30 min	
1h	
1h30	
2h	
+ de 2h	

6. Estudas todos os dias?

Sim	
Não	

7. Quanto tempo estudas por dia?

15min	
30 min	
45 min	
1h	
+ de 1h	

8. Programas o teu estudo semanal?

Sim	
Não	

9. Programas o teu estudo diário?

Sim	
Não	

10. Estabeleces objetivos para cada sessão de estudo?

Sim	
Não	

11. Quando estudas, quanta atenção prestas a estes elementos?

	1= Muito Pouca	2= Pouca	3= Alguma	4= Muita
Postura	1	2	3	4
Mão direita	1	2	3	4
Mão esquerda	1	2	3	4
Afinação	1	2	3	4

12. Classifica estes elementos relativos ao violino por ordem de dificuldade?

	1= Muito difícil	2= Difícil	3= Fácil	4= Muito fácil
A postura	1	2	3	4
A mão direita	1	2	3	4
A mão esquerda	1	2	3	4
Afinação	1	2	3	4

13. Quando pegas no teu arco sentes-te confortável?

Sim	
Não	
Mais ou menos	

14. O que te custa mais quando pegas no arco?

O peso dele	
Colocar a mão de maneira correta	
Ser muito grande	
Não saberes bem como se pega	
Outro	

15. Conhecias o acessório que te mostrei?

Sim	
Não	

16. Quando te mostrei o acessório o que que achaste?

17. Em casa estudas com o acessório?

Nunca	
Por Vezes	
Sempre	

18. Depois de colocar o acessório no teu arco como te sentiste?

Nada bem	
Razoável	
Bem	
Muito Bem	

18.1 Porquê?

19. Achas que te ajudou a pegares melhor no arco?

Sim	
Não	
Mais ao menos	

20. Achas que te ajudou a tocares melhor?

Sim	
Não	
Mais ao menos	

21. Pegares no arco com o acessório foi mais fácil?

Sim	
Não	
Mais ao menos	

22. Sentes que o teu som é/ficou mais bonito com o acessório?

Sim	
Não	
Mais ao menos	

22.1. Porquê?

23. Sentes que é mais fácil tocar violino?

Sim	
Não	
Mais ao menos	

23.1. Porquê?

24. Como caracterizas o Bow Hold Buddies?

Divertido	
Útil	
Bonito	
Feio	
Prático	

25. Se outras crianças tivessem a oportunidade de utilizar o acessório recomendava-lo?

Sim	
Não	

26. Desde que começaste a utilizar o acessório gostas mais de tocar violino?

Sim	
Não	
Gosto igual	

27. Achas que utilizar o acessório foi benéfico para ti?

Sim	
Não	

Obrigada, mais uma vez, pela tua disponibilidade em responder a este questionário. 😊

ANEXO LL- DECLARAÇÃO DO CONSERVATÓRIO

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO
MEDALHA DE MÉRITO GRAU OURO DA CIDADE

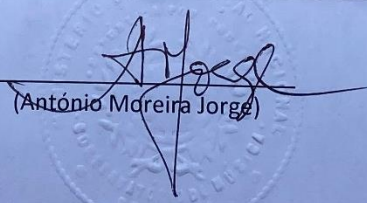
DECLARAÇÃO

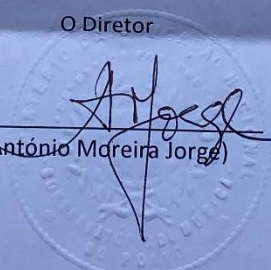
Para efeitos de autorização e identificação declaro, que a estagiária Ana Beatriz Correia Ribeiro, está autorizada a identificar o Conservatório de Música do Porto, no âmbito do seu relatório de estágio, salvaguardando o anonimato dos alunos intervenientes.

Por ser verdade e me ter sido pedida, mandei passar a presente declaração que assino e autentico com o selo branco em uso neste Conservatório

Conservatório de Música do Porto, em 23 de julho de 2020

O Diretor


(António Moreira Jorge)



ESA 404214
Praça Pedro Nunes - 4050-466 Porto - Portugal | Telefone: 222073250 | Fax: 222073251
Email: contacto@conservatorioemusica.doporto.pt | Site: <http://www.conservatorioemusica.doporto.pt>